A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS SETEMBRO DE 1989



A LIAHONA

Setembro de 1989 Volume 42 nº 9
PBMA8909PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas Ensign, New Era e Friend.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Diretor de Arte: M. Masato Kawasaki

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald, Jane Ann Kemp, Timothy Sheppard, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Leônidas Francisco da Silva

Na capa: Retrato de Joseph Smith de um artista desconhecido.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **NCz$ 14,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **NCz$ 1,20**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Indústria de Artes Gráficas Atlan Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - São Paulo - SP - CEP 05512 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah.
Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POST MASTER: Send adress changes to *A Liahona* at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150 U.S.A.

ÍNDICE

2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:**
O VOSSO CAMINHO DE JERICÓ Presidente Thomas S. Monson

7 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:**
É GRANDE O VALOR DAS ALMAS

8 TEREI RECEBIDO UMA RESPOSTA DO ESPÍRITO? Jay Jensen

14 **PERGUNTAS E RESPOSTAS:**
Quanto tempo levou a tradução do Livro de Mórmon?

16 VERDADES PERDIDAS RESTAURADAS: Parte II Gilbert W. Scharffs

19 AS RUAS DESERTAS DE NAUVOO Thomas L. Kane

25 A FILHA DA ALCOÓLATRA Erma Braack

27 **MANUAL DAS FAMÍLIAS:**
ENSINAR AS CRIANÇAS A SEGUIREM O PROFETA

32 SÓ, MAS NÃO SOLITÁRIA Helene Ringger

35 TIA FIA Marilyn J. Whipple

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

39 QUATRO PASSOS DE APRENDIZAGEM Élder Russell M. Nelson

42 O QUE É PRECISO PARA SER FELIZ E BEM SUCEDIDO Joe J. Christensen

47 **MENSAGEM MÓRMON**

48 PREPARAI-VOS Marcia Winterton

49 **COMPARTILHAR COM A JUVENTUDE:** MENSAGENS SOBRE EDUCAÇÃO

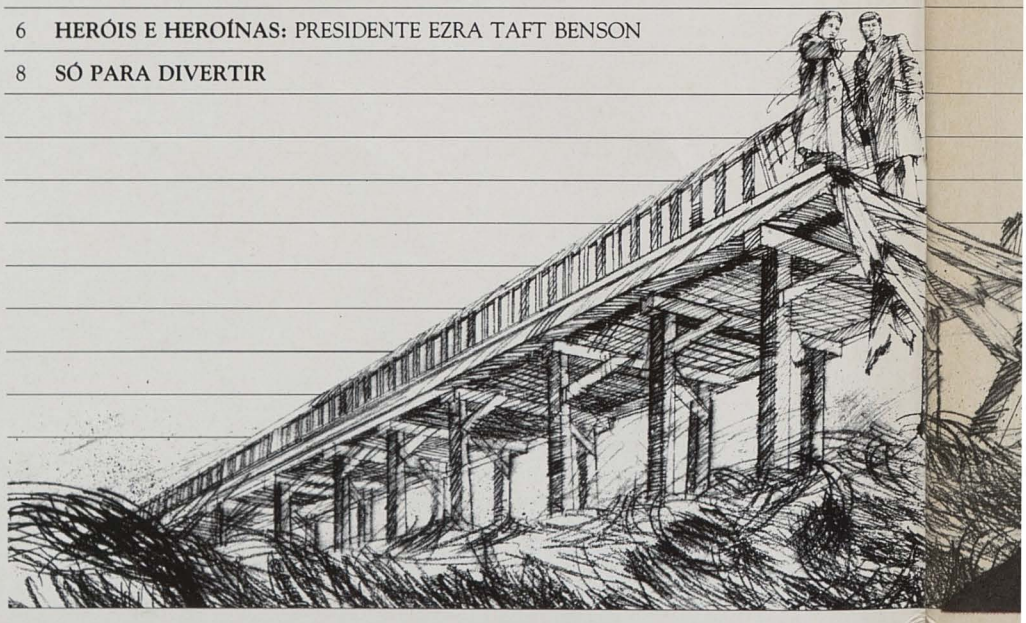
SEÇÃO INFANTIL

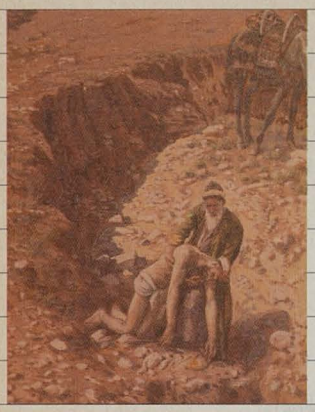
2 VOCÊ CONHECE SUAS "LEIS"?

3 O VENDEDOR DE FLORES DE MANILA Agnes M. Pharo

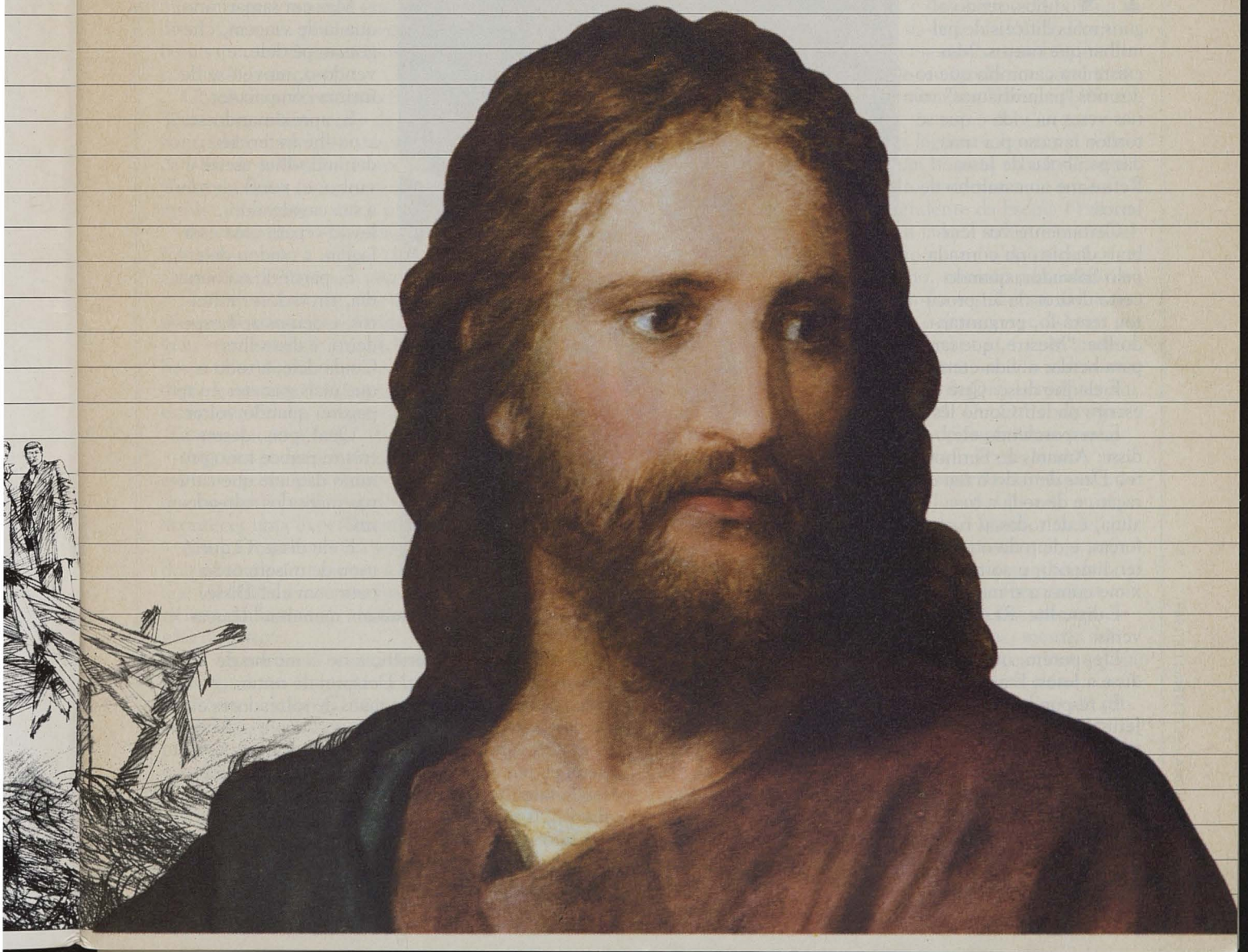
6 **HERÓIS E HEROÍNAS:** PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON

8 **SÓ PARA DIVERTIR**





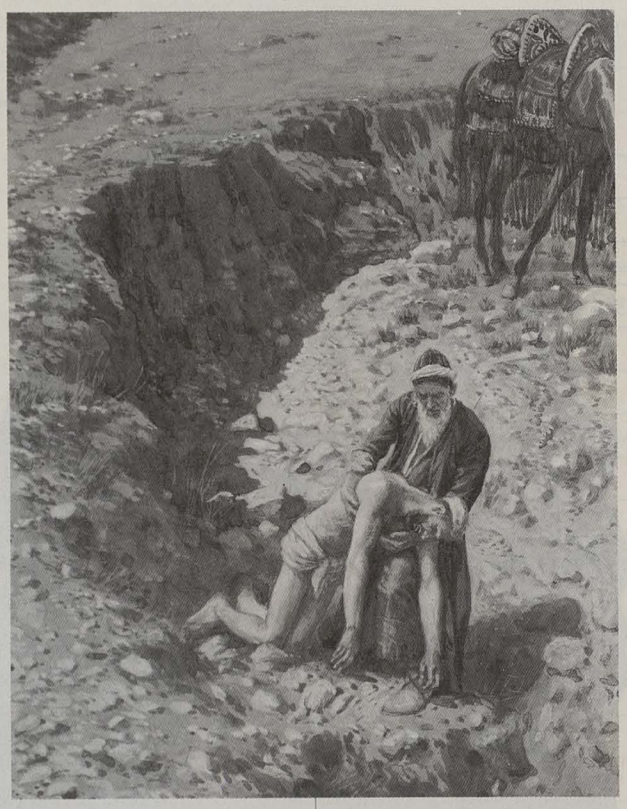




MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

O VOSSO CAMINHO DE JERICÓ

Presidente Thomas S. Monson Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



Nesta vida andamos por muitos caminhos, sendo alguns mais difíceis de palmilhar que outros. Mas existe um caminho que todos nós "palmilhamos" várias vezes na vida e que se tornou famoso por uma das parábolas de Jesus. Refiro-me ao caminho de Jericó.

Certamente vos lembrais da história contada pelo Salvador, quando certo doutor da lei procurou tentá-lo, perguntando-lhe: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?

E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás.

Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?

E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.

E ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.

E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e vendo-o, passou de largo.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;

E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;

E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que mais gastares eu to pagarei quando voltar.

Qual, pois, destes três te parece foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira." (Lucas 10:25–37.)

Qual será a vossa experiência no caminho de Jericó? Qual será a minha? Deixarei de notar aquele homem que caiu nas mãos de salteadores e pede que o ajude?

E vós?

Serei eu um que vê o ferido, ouve sua súplica e passa de largo?

E vós?

Ou serei como aquele que viu o homem caído,

James Tissot

Nem sempre o caminho de Jericó está claramente definido. Talvez nem mesmo encontremos uma pessoa ferida que nos lance uma súplica audível. Quando, porém, seguimos os passos daquele bom samaritano, estaremos seguindo o caminho que conduz à perfeição.

ouviu seu pedido de socorro e parou para ajudar?

E vós?

Jesus deu-nos uma diretriz que devemos seguir: "Vai, e faze da mesma maneira." Quando seguimos esse conselho, encontramos oportunidades de alegria raramente igualadas e jamais superadas.

Entretanto, nem sempre o caminho de Jericó está claramente definido. Talvez nem mesmo encontremos uma pessoa ferida que nos lance uma súplica audível. Quando, porém, seguimos os passos daquele bom samaritano, estaremos seguindo o caminho que conduz à perfeição.

Observai os diversos exemplos que o Mestre nos deu: o do coxo no poço de Betesda; da mulher encontrada em adultério; da mulher na fonte de Jacó; da filha de Jairo; de Lázaro, irmão de Maria e Marta. Cada um deles representa um encontro casual no caminho de Jericó, e todos precisavam de auxílio.

Ao enfermo em Betesda, disse Jesus: "Levanta-te, toma tua cama, e anda." (João 5:8.) À pecadora, ele aconselhou: "Vai-te, e não peques mais." (João 8:11.) À mulher que veio tirar água da fonte, ele proveu de uma fonte de água viva, jorrando para a vida eterna. (Vide João 4:14.) À filha de Jairo, que havia falecido, deu uma ordem: "Menina, a ti te digo, levanta-te." (Marcos 5:41.) A Lázaro, que já estava sepultado, disse estas palavras memoráveis: "Lázaro, sai para fora." (João 11:43.)

Alguém poderia fazer esta pergunta incisiva: Esses eventos dizem respeito ao Redentor do mundo. Será que na minha vida, no meu caminho de Jericó, pode acontecer uma experiência tão memorável?

Minha resposta é um sonoro sim. Permiti citar-vos dois exemplos: primeiro, a história de uma pessoa que foi ferida e recebeu auxílio; e, segundo, a experiência edificante de alguém que palmilhou o caminho de Jericó.

Há alguns anos, partiu desta vida um dos homens mais bondosos e amados que já viveram nesta terra. Refiro-me a Louis C. Jacobsen. Ele ministrou aos necessitados, ajudou os imigrantes a encontrarem emprego e proferiu mais sermões em funerais do que qualquer pessoa que conheço.

Certa vez, com ar muito pensativo, falou-me de sua infância. Era filho de uma pobre viúva dinamarquesa. De estatura baixa e aparência pouco atraente, era por esse motivo alvo fácil dos gracejos impiedosos dos colegas de classe. Certa manhã, durante a Escola Dominical, as crianças zombaram de suas calças remendadas e camisa puída. Orgulhoso demais para chorar, o pequeno Louis saiu correndo da capela, parando finalmente, já quase sem fôlego, para sentar-se no meio-fio da calçada, de uma das ruas centrais da Cidade do Lago Salgado. Pela sarjeta, junto ao meio-fio, corria água límpida, e Louis tirou do bolso a folha de papel com o esboço da lição da Escola Dominical e habilmente fez com ela um barquinho que soltou na água corrente. De seu ferido coração infantil vieram as palavras determinadas: "Jamais voltarei para lá."

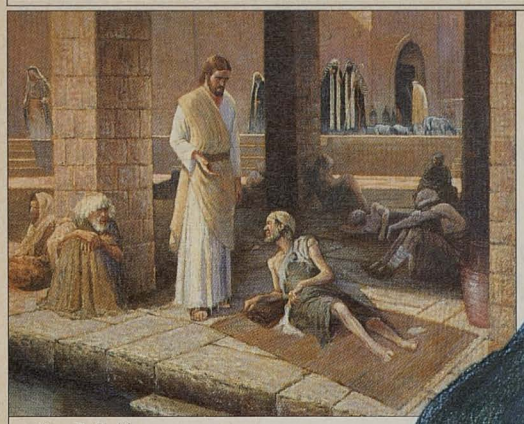
Subitamente, através das lágrimas, Louis viu refletida na água a imagem de um homem robusto e bem vestido. Olhando para o alto, reconheceu o irmão George Burbidge, superintendente da Escola Dominical. "Posso sentar-me ao seu lado?" indagou o amável líder. Louis assentiu. Ali, no meio-fio da calçada, sentou-se um bom samaritano, ministrando auxílio a quem realmente necessitava. Juntos fizeram diversos barquinhos de papel durante o transcorrer da conversa. Finalmente, o líder se levantou e, com a mão do menino firmemente presa à sua, os dois voltaram para a Escola Dominical. Anos depois, Louis presidiu aquela mesma Escola Dominical. Durante toda a sua vida de serviço, nunca deixou de reconhecer o que lhe fizera aquele viajante no caminho de Jericó.

O segundo exemplo é uma experiência pessoal minha, ao longo do caminho de Jericó. Quando eu tinha cerca de dez anos, chegando o Natal, desejei ganhar um trem elétrico, com toda a força que só um menino pode ter. Eu não queria um trenzinho de corda, mais barato, mas, sim, um que funcionasse movido pelo milagre da eletricidade. Era uma época de muitas dificuldades financeiras, mas, mesmo assim, meus pais, com muito sacrifício, presentearam-me na manhã de Natal com um bonito trem elétrico. Fiquei fazendo-o funcionar durante horas, vendo primeiro a máquina puxar os vagões e depois empurrá-los por toda a extensão dos trilhos.

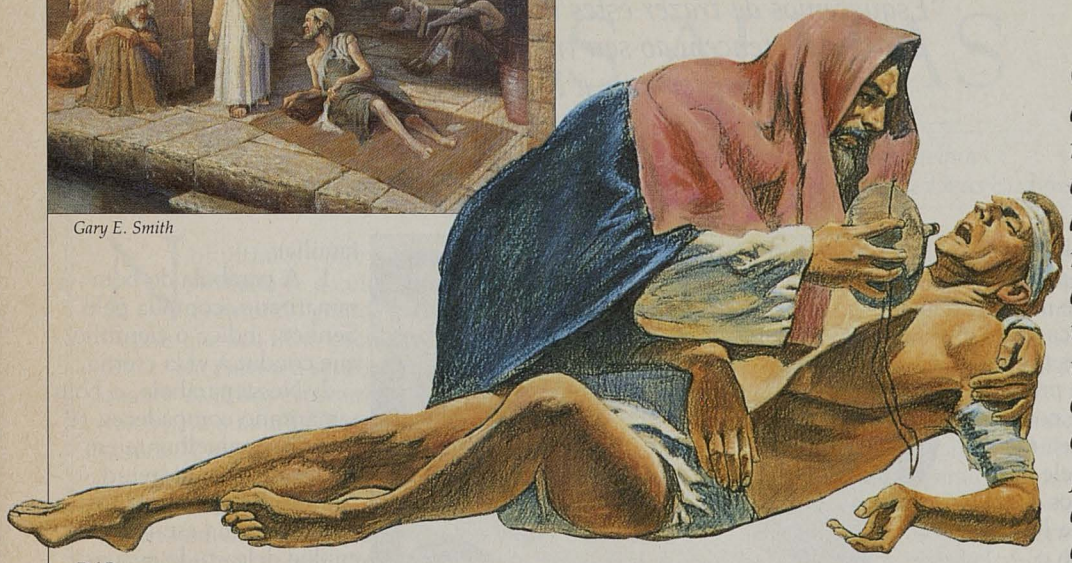
Afinal minha mãe entrou na sala, dizendo que havia comprado um trenzinho de corda para Mark, filho da sra. Hansen, que morava na mesma rua um pouco mais para baixo. Perguntei-lhe se podia ver o

James Tissot

"Cristo e a Mulher Samaritana", de Carl Heinrich Bloch. O original encontra-se na capela do Castelo de Frederiksborg, na Dinamarca. Usado com a permissão do Museu de Frederiksborg.

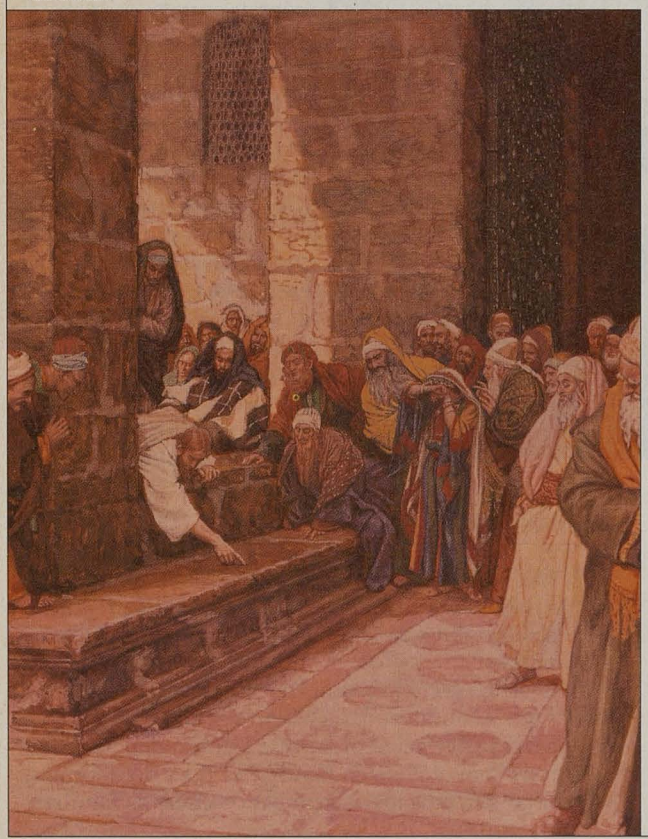


Gary E. Smith



Del Parson

O coxo no poço de Betesda; a mulher encontrada em adultério; a mulher na fonte de Jacó—cada um representa um encontro casual no caminho de Jericó. Cada um deles necessitava de ajuda.



James J. Tissot

trem. A locomotiva era pequena e quadrada, não tão comprida e elegante como a do modelo que eu ganhara. Reparei, porém, que tinha um vagão-tanque que o meu não tinha, e comecei a ficar enciumado. Fiz tal estardalhaço, que minha mãe acabou cedendo e me entregou o tal vagão-tanque, dizendo: "Se você precisa dele mais que o Mark, então fique com ele." Engatei-o no meu trem e fiquei exultante com o resultado.

Minha mãe e eu levamos a locomotiva e os vagões restantes até a casa de Mark Hansen. O menino era um ou dois anos mais velho que eu. Ele jamais esperara receber um presente como aquele, e mal conseguiu expressar seu contentamento. Deu corda na locomotiva e ficou radiante, quando ela puxou o trenzinho pelos trilhos. Minha mãe sabiamente me perguntou: "O que acha do trem de Mark, Tommy?" Tive um profundo sentimento de culpa e me dei conta de quanto havia sido egoísta. Então respondi: " Espere um pouco, eu já volto.

Corri para casa o mais depressa que pude, peguei o vagão-tanque e mais um outro do meu próprio trenzinho, voltei rapidamente para a casa de Mark e lhe disse alegremente:

'Esquecemos de trazer estes dois vagões que pertencem ao seu trem. Mark engatou os outros dois vagões em seu trem e, ao ver a locomotiva correndo pelos trilhos, senti uma alegria imensa, indescritível e impossível de esquecer.

"Cristo e a Mulher Samaritana", de Carl Heinrich Bloch. O original encontra-se na capela do Castelo de Frederiksborg, na Dinamarca. Usado com a permissão do Museu de Frederiksborg.

"Esquecemos de trazer estes dois vagões que pertencem ao seu trem," eu disse alegremente a Mark.



Muitas pessoas se lembram de minha mãe pelos versos que gostava de recitar, outros pela música que tocava, pelas canções que cantava, favores que prestava ou histórias que costumava contar; mas eu recordo sobretudo aquele dia em que, juntos, fomos para casa pelo caminho de Jericó, depois de, como o bom samaritano, haver encontrado uma incomparável oportunidade de servir.

Meus irmãos, atualmente existem corações que anseiam por ser alegrados, há boas obras a serem feitas, e até mesmo preciosas almas que precisam ser salvas. Os enfermos, aflitos, famintos, os que sentem frio, os feridos, solitários, idosos ou viajores cansados, todos suplicam que os ajudemos.

Os sinais ao longo da estrada da vida convidam sedutoramente cada viajante: este é o caminho da fama; este é o caminho da riqueza; este o da popularidade; este o do luxo. Paremos nas encruzilhadas antes de prosseguir em nossa jornada. Atentemos para aquela voz suave e mansa que sempre nos convida tão gentilmente: 'Vinde, segui-me. Este é o caminho de Jericó.' E então, que cada um de nós siga o Senhor pelo caminho de Jericó que conduz à vida eterna. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos Que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. A parábola do bom samaritano, contada pelo Senhor, indica o caminho que conduz à vida eterna.

2. Nessa parábola, o bom samaritano compadeceu-se de um seu semelhante em necessidade, socorreu-o, pensou-lhe os ferimentos, levou-o a uma estalagem e cuidou dele—tudo às suas próprias custas.

3. Todos, sem exceção, trilhamos nosso próprio caminho de Jericó. Será que passamos de largo, sem atender ao chamado do necessitado?

4. Sempre há corações que anseiam por ser alegrados, boas obras a serem feitas, almas que precisam ser salvas. Os enfermos, aflitos, famintos, os que sentem frio, os feridos, solitários, idosos ou viajores cansados, todos suplicam que os ajudemos.

Sugestões para o Debate

1. Fale sobre seus sentimentos a respeito de auxiliar as pessoas necessitadas que estão ao nosso redor. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.

2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar esse assunto depois de conversar com o chefe da família? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem para o chefe da família?

Welden Andersen

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

É GRANDE O VALOR DAS ALMAS

Objetivo: Ajudar as irmãs a reconhecerem melhor seu próprio valor e grande importância para o plano de Deus e a Igreja.

Nos últimos vinte e cinco anos, Carolina dedicou-se a cuidar do lar e da família, encontrando grande satisfação nesse seu papel. Depois que seu filho caçula saiu em missão, entretanto, ela passou a sentir-se menos necessária. Enquanto os filhos estavam em casa, ela reconhecia seu valor para a família, mas agora já não tinha tanta certeza. Quem sabe, pensou, seria mais valorizada pelos outros, se mudasse sua imagem. Pensou em renovar o guarda-roupa ou mudar de penteado, e até mesmo em arranjar um emprego ou voltar a estudar – embora não tendo a mínima idéia do que gostaria de fazer. Essas mudanças, achava, lhe devolveriam a percepção do próprio valor.

Intrinsecamente, não há nada de errado em Carolina querer aprimorar-se. No que ela e muitas outras irmãs estão enganadas, é em querer medir seu próprio valor pela condição em que vivem ou pela própria aparência. Esquecem-se de que todas nós temos um valor natural pelo simples fato de sermos filhas de Deus! E o nosso valor não muda, embora nossa vida e condições possam modificar-se. A única coisa capaz de mudar é o nosso *merecimento* de receber as bênçãos que o Pai Celestial reserva para nós.

Não importa qual seja nossa condição de vida ou social, ou aparência física, o Pai Celestial nos ama e quer que reconheçamos nosso próprio valor. Além disso, o Senhor preza seus filhos por razões muito diferentes das do mundo, porque ele "não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." (I Samuel 16:7.)

O mundo gostaria de nos fazer acreditar que o valor pessoal se mede pela beleza, juventude, riqueza e sucesso. Mas, como Patricia Holland, ex-conselheira na presidência geral das Moças, aconselhou a um grupo de universitárias: "(Estamo-nos) preocupando tanto em ter uma silhueta perfeita, ou notas máximas na escola, desempenho excepcional na profissão ou mesmo como mães, que perdemos de vista o nosso verdadeiro eu. Muitas vezes nos preocupamos tanto em agradar aos outros que perdemos nossa própria individualidade, essa plena e descontraída aceitação de nós mesmas como uma pessoa valiosa e sem igual." (The Soul's Center, mensagem na reunião devocional da Universidade Brigham Young, 13 de janeiro de 1987.)

Quando temos dúvidas acerca de nosso valor pessoal, devemo-nos lembrar da história da pobre viúva que levou sua pequena oferta ao templo. Jesus não chamou a atenção dos discípulos para as ofertas dos abastados, mas usou a viúva como exemplo de uma bela mulher de grande valor, disposta a compartilhar o pouco que tinha. A viúva, provavelmente, era uma mulher que poucas pessoas conheciam ou notavam. Não se trajava segundo a última moda, nem convivia com as pessoas ricas e poderosas de sua comunidade. Sabemos que tinha poucos recursos materiais. O Salvador, porém, não deu atenção a essas coisas, não viu sua aparência exterior. Ele atentou para o coração dela.

Exatamente como essa pobre viúva, todas nós podemos dar nossa contribuição à obra do Senhor e à humanidade. Todas nós precisamos aprender a reconhecer nosso valor *aos olhos do Senhor*. Conforme escreveu o Apóstolo Paulo: "Somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo." (Romanos 8:16–17.) É nisto que devemos basear nosso "*valor individual*" – e não no que o mundo possa achar de nós.

Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Leia e debata Salmos 82:6, I João 3:1–2 e Romanos 8:16–17. Fale das bênçãos que nos são prometidas como filhas de Deus.

2. Comente com a irmã que estiver visitando um talento ou qualidade que ela possui, e com a qual contribui para a obra do Senhor. Convide-a a continuar contribuindo para a obra do Senhor. □

(Livro de Recursos para a Noite Familiar, pp. 7–11, 20–31, 36–42, 109–117, 146–155 e 245, para consulta de materiais correlatos.)

Welden Andersen

Larry Winborg



Larry Winborg

TEREI RECEBIDO UMA RESPOSTA DO ESPÍRITO?

Jay Jensen

Conta o Presidente Brigham Young que, após seu martírio, o Profeta Joseph Smith o visitou diversas vezes. E numa dessas ocasiões, diz o Presidente Young, "Joseph aproximou-se de mim e com ar muito grave, porém amável, falou: 'Diga ao povo que seja humilde e fiel, e que não deixe de conservar o Espírito do Senhor, e ele os guiará retamente. Que tenha cuidado e não se desvie da voz mansa e delicada; ela lhes ensinará o que fazer e para onde ir; e produzirá os frutos do reino. Diga aos irmãos que mantenham seu coração aberto à persuasão, de modo que, quando o Espírito Santo vier a eles, seu coração esteja pronto para recebê-lo. Eles podem discernir o Espírito do Senhor de todos os outros espíritos; ele trará paz e alegria à sua alma; tirará a maldade, o ódio, a contenda e todo o mal de seu coração; e seu único desejo será fazer o bem.'" (*Juvenile Instructor*, 8 (1873):114.)

O princípio de acatar o Espírito é tão importante, que em várias ocasiões o Presidente Ezra Taft Benson tem dito: "O Espírito é o mais importante assunto nesta gloriosa obra." (Seminários de Presidentes de Missão, 1975, 1986, 1987.)

Embora o Espírito seja o aspecto mais importante de nossa obra dos últimos dias, muitos não sabem como ele atua; inúmeras vezes somos influídos pelo Espírito, sem nem mesmo percebê-lo. (Vide 3 Néfi 9:20.)

Como presidente de ramo no Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah, tenho ouvido vários missionários dizerem que não têm testemunho ou que não se lembram de alguma vez terem tido uma experiência espiritual. Depois de explicar como o Espírito atua, eles entenderam que haviam tido algumas experiências espirituais sem o perceber.

Em parte, talvez, essa falta de percepção se deva ao relato ou leitura de experiências espirituais espetaculares. A exposição freqüente a tais experiências

pode induzir algumas pessoas a acreditarem que, se não tiverem uma manifestação ou efusão semelhante, não foi uma experiência espiritual.

No decorrer dos anos, tenho procurado discernir as diversas formas de atuação do Espírito do Senhor. Certamente Deus fala dos céus, mas ele se manifesta, confirma ou orienta de várias maneiras. Consideremos as que seguem:

O Espírito Proporciona Paz

"Não dei paz à tua mente quanto ao assunto?" perguntou o Senhor a Oliver Cowdery. "Que maior testemunho podes receber que o de Deus?" (D&C 6:23.)

A sensação de paz é uma das manifestações mais comuns do Espírito. Os sentimentos associados à paz são calma e tranqüilidade. O oposto seria a sensação de ansiedade, perturbação e discórdia.

Quando vivíamos em Mesa, Arizona, nossa filha de um ano contraiu meningite virulenta. Ao diagnosticar o mal, o médico nos disse que, dentro de vinte e quatro horas, saberíamos se ela viveria ou não. Começamos a jejuar e orar por sua recuperação. Ela esteve à beira da morte durante uma semana, muito mais tempo do que o médico imaginara, em termos de ver alguma alteração em seu estado.

No fim daquela semana, voltamos a jejuar, acompanhados por toda a ala. Ao orarmos, em jejum, dizendo ao Senhor: "Seja feita a tua vontade", sentimos uma paz tão tangível e real como qualquer outra coisa que já sentíramos. Não estávamos mais em aflição, nem preocupados com o assunto. Não sabíamos se ela viveria ou não, mas estávamos em paz. Felizmente, ela recuperou-se.

Faz Nosso Peito Arder

Após uma reunião sacramental excepcional, meu filho de quinze anos comentou: "Pai, durante o discurso tive uma sensação cálida. 'Então conversamos sobre o que significa sentir-se assim, e acabamos relacionando-a com o ardor no peito, mencionado nesta escritura: 'Deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.' (D&C 9:8.)

Esse ardor varia em intensidade; para meu filho, foi uma sensação de calma interior. No relato dos dois discípulos que encontraram o Salvador ressurreto no caminho para Emaús, disse um deles: 'Porventura não ardia em nós o nosso coração?' (Lucas 24:32.) Pode não acontecer com freqüência em nossa vida, mas, quando o sentimos, é uma manifestação tangível, confirmando uma verdade ou respondendo à nossa prece.

À Nossa Mente e ao Nosso Coração

Não é raro o Espírito falar diretamente à mente e ao coração. Disse o Senhor a Oliver Cowdery: 'Eu falarei à tua mente e ao teu coração, pelo Espírito Santo, que virá sobre ti e habitará em teu coração.

Agora, eis que este é o espírito de revelação.' (D&C 8:2–3.)

Quando o Espírito Santo fala, a mente pode abrir-se em súbito discernimento e lucidez, como que atingida por um facho de luz. Simultaneamente, nosso coração poderá arder ou nos sentirmos transbordantes de alegria, profunda gratidão ou amor. Sejam quais forem as sensações, elas acontecem simultaneamente na mente e no coração.

Os pesquisadores costumam dizer durante as palestras missionárias: 'Isto faz sentido', 'Sempre acreditei nisso' ou 'É lógico'. Às vezes, resume-se a um simples gesto afirmativo. Nesses momentos, os pesquisadores sentem-se como que 'iluminados'. Quando reconhecemos a verdade por meio do Espírito, passamos a entender as coisas – elas se tornam claras para nós. Conforme o Senhor nos promete: 'te concederei do meu Espírito, o qual iluminará a tua mente.' (D&C 11:13.)

Repetidas vezes, em reuniões ou a sós, minha alma transbordou de alegria pelo que pude sentir. Uma dessas experiências sagradas deu-se durante e após uma reunião do sumo conselho, para considerar a recomendação para batizar de novo um irmão excomungado. Eu, na época, servia na presidência da es-

taca. Durante a reunião, ouvimos o irmão prestar testemunho e externar seu desejo de ser rebatizado. Compreendi seu desejo de voltar e minha alma encheu-se de alegria, ouvindo-o falar do empenho em regularizar sua situação. Quando ele terminou, foi dispensado da sala e, após breve deliberação, o tribunal decidiu recomendar o batismo. Então fui incumbido pelo presidente da estaca de comunicar-lhe a decisão.

Passando pela porta lateral, dirigi-me à sala de espera na qual ele se encontrava sozinho, aguardando esperançoso. Quando se levantou, tomei-o pela mão, dizendo: 'Querido irmão, a decisão do tribunal é que seja rebatizado.' Ele jogou-se em meus braços e choramos juntos. Como eu poderia descrever a alegria que se apossou de nossas almas, ao sentirmos a influência amorosa do Espírito?

Logo após o versículo sobre iluminar a mente e encher a alma de alegria, o Senhor explica que 'então saberás, ou por isto conhecerás, todas as coisas, quaisquer que desejares de mim'. (D&C 11:14.) Essa união de mente e coração, pois, é um dos meios pelos quais o Espírito nos ensina.

Como uma Voz Falando à Mente

Dizia o Presidente Marion G. Romney que, às vezes, o Senhor nos revela a resposta a orações em frases completas. (Vide *Improvement Era*, dezembro de 1961, pp. 947–949.) Vez por outra, uma pessoa pode ouvir de fato uma voz audível; noutras ocasiões, ela poderá ter uma impressão ou ocorrer-lhe um pensamento em uma ou mais frases completas. Enos conta que, encontrando-se ele 'lutando em espírito, eis que a voz do Senhor veio . . . à (sua) mente.' (Enos 1:10.)

Um bispo contou-me uma experiência semelhante. Certo domingo fora particularmente carregado de entrevistas, reuniões e visitas. Já eram quase 22h30min quando teve oportunidade de dar uma volta pela capela passando pelo púlpito. Sentia-se tão assoberbado pelo peso de suas responsabilidades, que caiu de joelhos na capela pouco iluminada, suplicando a Deus que lhe desse forças para carregar o fardo. Enquanto orava, ouviu mentalmente uma voz, dizendo: 'Bispo, estás tão cansado! Por que não vais para casa dormir?' O pensamento, a princípio, o surpreendeu, mas refletindo melhor, reconheceu ser uma resposta tão direta à sua oração, como quando orava a respeito de quem deveria chamar para certas funções na Igreja.

O Espírito Conduz

Satanás jamais levará alguém a fazer boas obras. Diz Mórmon: 'É desta forma que obra o demônio, não persuadindo ninguém a fazer o bem, nem a um só que seja; tampouco o fazem seus anjos, ou os que a ele estiverem sujeitos.' (Morôni 7:17.)

Por outro lado, a Hyrum foi dito: 'Põe a tua confiança naquele Espírito que conduz à prática do bem.' (D&C 11:12.) Por isso sabemos que os sussurros para fazer boas obras podem ser manifestações do Espírito. Já aconteceu de saberem de alguém em necessidade, talvez um bom amigo, sentindo-se fortemente influídos a ajudar? Já foram induzidos a dizer a coisa certa ao conversarem com alguém? É assim que o Espírito atua – conduzindo-nos à prática do bem.

Hyrum Smith aprendeu igualmente que o Espírito nos leva a 'obrar com justiça'. (D&C 11:12.) A palavra *justiça* tem vários sentidos, mas penso que, nessa frase, quer dizer: agir em conformidade com o que é moralmente correto ou bom. Satanás pode-nos induzir a mentir, enganar ou tirar proveito dos outros. O Espírito, todavia conduz a um comportamento diferente. Já chegaram a sentir-se influídos a perdoar alguém? Já foram levados a pagar o dízimo antes de saldar outras contas? Já viram uma criança aprender a compartilhar seus brinquedos? Essas são algumas ocasiões em que o Espírito pode induzir uma pessoa, até mesmo uma criança pequena, a 'obrar com justiça'.

Foi dito, ainda, a Hyrum que o Espírito nos induz a 'julgar retamente'. (D&C 11:12.) Embora devamos dominar a tendência de julgar o próximo, julgar é inevitável. Toda decisão que tomamos pressupõe um julgamento. Alguma vez já ajudaram a resolver uma discussão entre seus filhos, restabelecendo a paz? Já perceberam que sua opinião acerca de alguém era infundada? São alguns exemplos em que o Espírito pode estar induzindo-os a julgar com justiça.

Perturba Nossos Sentimentos

Um dia, lendo Doutrina e Convênios, chamou-me atenção uma frase: 'Esse assunto parece ocupar meu pensamento, e perturba os meus sentimentos mais do que qualquer outro.' (D&C 128:1.) Compreendi, então que esta é mais uma forma de o Espírito Santo operar em nós.

Embora estivesse sendo perseguido por seus inimigos e sujeito a muitas distrações, a questão do batismo pelos mortos vinha preocupando Joseph Smith havia algum tempo. Sua experiência diferia daquela em que o Espírito ilumina a mente e traz alegria ao coração. O assunto ou pensamento não nos abandona, e ficamos a remoer ou ponderá-lo repetidas vezes, até chegar a compreendê-lo mais plenamente.

Essa forma de inspiração conduz freqüentemente à revelação direta, como aconteceu com o batismo pelos mortos. Doutrina & Convênios 76 (VV. 15–19) e 138 (VV. 1–11) e a Declaração Oficial 2 (ver introdução), foram concedidos depois que três profetas diferentes foram levados a meditar durante certo tempo sobre esses assuntos.

O Espírito Constrange

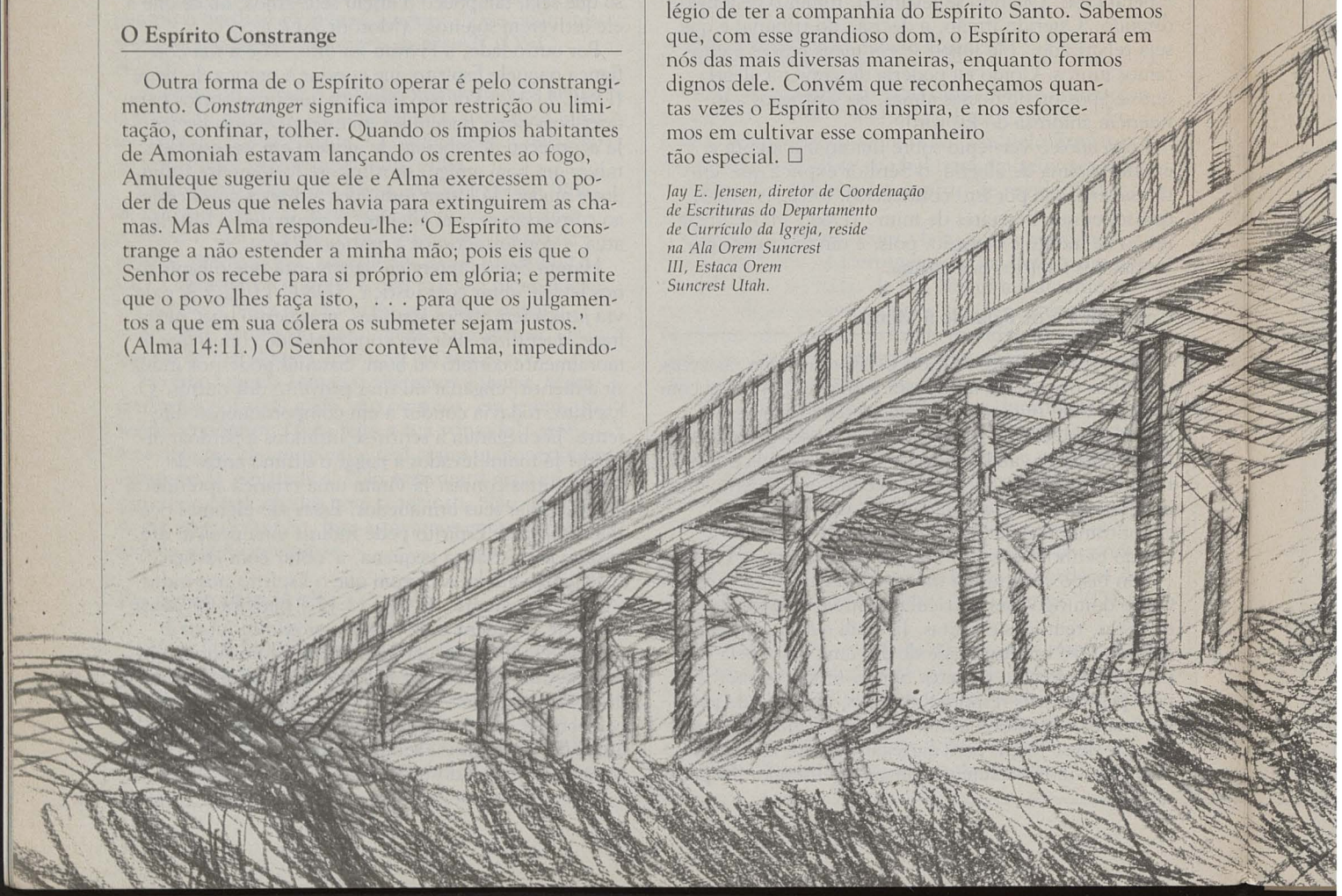
Outra forma de o Espírito operar é pelo constrangimento. *Constranger* significa impor restrição ou limitação, confinar, tolher. Quando os ímpios habitantes de Amoniah estavam lançando os crentes ao fogo, Amuleque sugeriu que ele e Alma exercessem o poder de Deus que neles havia para extinguirem as chamas. Mas Alma respondeu-lhe: 'O Espírito me constrange a não estender a minha mão; pois eis que o Senhor os recebe para si próprio em glória; e permite que o povo lhes faça isto, . . . para que os julgamentos a que em sua cólera os submeter sejam justos.' (Alma 14:11.) O Senhor conteve Alma, impedindo-o de fazer o que era contrário ao plano divino.

Dois missionários contaram que uma noite caminhavam por uma conhecida estrada do interior. De repente, ambos tiveram a impressão de que não deveriam ir mais adiante naquela direção. Então voltaram e foram para casa por outro caminho. No dia seguinte, intrigados por terem-se sentido constrangidos a parar, voltaram à estradinha, desta vez à luz do dia, e viram que, pouco à frente de onde haviam voltado, uma ponte fora levada pelas águas. Estes são uns poucos exemplos de pessoas constrangidas pelo Espírito a não fazer certa coisa. Mas devemos atentar, igualmente, que, às vezes, o Espírito pode constranger-nos a fazer certa coisa, e não só advertir-nos de alguma coisa.

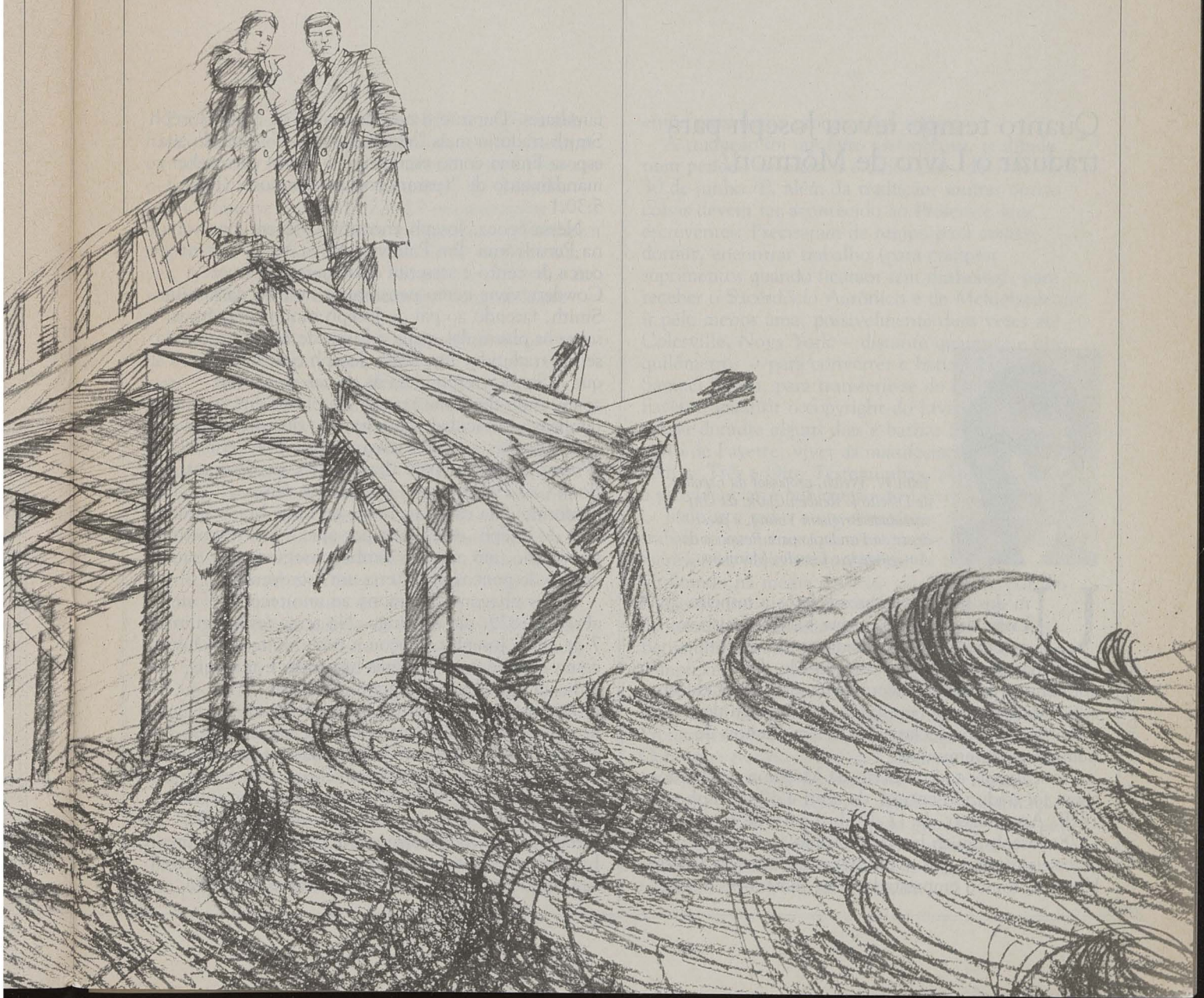
O Espírito se manifesta ainda de outras formas em nossa vida. Poderá inspirar outras pessoas a nos ajudar. (Vide D&C 1:38; 46:29.) Dotar-nos com dons específicos, habilidades ou conhecimento. (Vide D&C 46:9–29.) Ou então nos lembrar de certas coisas. (Vide João 14:26.)

Não devemos presumir que o Espírito Santo opera unicamente de forma drámatica ou espetacular. O Senhor concedeu aos membros da sua Igreja o privilégio de ter a companhia do Espírito Santo. Sabemos que, com esse grandioso dom, o Espírito operará em nós das mais diversas maneiras, enquanto formos dignos dele. Convém que reconheçamos quantas vezes o Espírito nos inspira, e nos esforcemos em cultivar esse companheiro tão especial. □

Jay E. Jensen, diretor de Coordenação de Escrituras do Departamento de Currículo da Igreja, reside na Ala Orem Suncrest III, Estaca Orem Suncrest Utah.



À luz do dia, os dois missionários descobriram por que foram compelidos a não ir adiante naquela estrada outrora familiar.



PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Quanto tempo levou Joseph para traduzir o Livro de Mórmon?



John W. Welch, professor da Escola de Direito J. Reuben Clark, da Universidade Brigham Young, e presidente da Fundação para Pesquisa da Antigüidade e Estudos Mórmons.

Um dos mais assombrosos fatos a respeito do Livro de Mórmon é que Joseph Smith só precisou de aproximadamente sessenta e cinco dias de trabalho para traduzi-lo. Os pormenores históricos acerca do tempo de tradução estão notavelmente bem preservados, além de corroborados por declarações independentes de numerosas testemunhas.

Praticamente todo o Livro de Mórmon que temos agora foi traduzido entre 7 de abril e 30 de junho de 1829. Antes disso, de 12 de abril a 14 de junho de 1828, Joseph Smith havia traduzido as cento e dezesseis páginas que se extraviaram, quando Martin Harris as tomou emprestadas para mostrá-las a seus familiares. Durante o mês de março de 1829, Joseph Smith traduziu mais "algumas páginas" – tendo sua esposa Emma como escrevente – antes de receber o mandamento de "(parar) por uns tempos". (D&C 5:30.)

Nessa época, Joseph encontrava-se em Harmony, na Pensilvânia. Em Palmyra, Nova York, distante cerca de cento e sessenta quilômetros, Oliver Cowdery vivia como pensionista na casa da família Smith, fazendo ao pai de Joseph muitas perguntas sobre as placas das quais o Livro de Mórmon estava sendo traduzido. Em 1832, Joseph Smith declarou que o Senhor respondera às preces de Oliver, aparecendo-lhe e mostrando "as placas em visão e também a veracidade da obra, e o que o Senhor estava prestes a fazer". (Dean Jessee *The Personal Writings of Joseph Smith* (Salt Lake City: Deseret Book Co. 1984), p. 8.) Ao mesmo tempo, conforme uma carta de 1847, de Lucy Mack Smith, mãe de Joseph, este orava por ajuda. Em resposta à sua oração, um anjo do Senhor assegurou-lhe que, dentro de poucos dias, teria um escrevente.

Oliver chegou a Harmony ao anoitecer de 5 de abril de 1829, um domingo. Na terça-feira seguinte, 7 de abril, Joseph começou a traduzir, tendo Oliver como escrevente. Pesquisas históricas e textuais indicam que eles começaram a traduzir provavelmente a partir do início do Livro de Mosiah, onde Joseph interrompera seu trabalho. Portanto, o Profeta em verdade iniciou a tradução no *meio* do livro, sendo provável que não tenha lidado com 1 e 2 Néfi até mais tarde – em julho. Mesmo assim, o livro não parece desorganizado, formando um todo harmônico, com os pormenores históricos e doutrinários apresentados em 1 e 2 Néfi inserindo-se perfeitamente no restante da obra.

Por volta de 15 de maio de 1829, Joseph Smith havia traduzido os livros de Mosiah, Alma, Helamã e o relato de 3 Néfi sobre o ministério de Cristo aos nefitas. Foi esse relato do ministério do Salvador – provavelmente 3 Néfi 11:22–27 em particular – que induziu Joseph e Oliver a inquirirem o Senhor a respeito da autoridade para batizar. E isto, por sua vez, levou à restauração do Sacerdócio Aarônico no mesmo dia, e à do Sacerdócio de Melquisedeque pouco depois.

Em fins de maio, eles haviam terminado os livros de 4 Néfi, Mórmon, Éter, Morôni e a página de rosto – que constava na última das placas de Mórmon. Foi nessa época que David Whitmer chegou a Harmony. Na primeira semana de junho, David, Oliver, Joseph e, possivelmente, Emma, transferiram-se para a casa de Peter Whitmer em Fayette, Nova York, viajando os cento e sessenta quilômetros de carroção e a cavalo. No dia 11 de junho de 1829, foi registrado o direito autoral (copyright) do Livro de Mórmon, no Tribunal Distrital Federal do Distrito Oeste de Nova York. Como no requerimento do copyright constava o texto completo da página de rosto como descrição legal do conteúdo do livro, fica comprovado que a dita página já havia sido traduzida na ocasião.

Depois de Joseph, Emma e Oliver se estabelecerem em Fayette, Nova York, prosseguiu o trabalho de tradução. Oliver e John Whitmer atuavam como escreventes e foi então que trabalharam na parte inicial do Livro de Mórmon como o conhecemos agora – 1 e 2 Néfi. Por volta de 20 de junho, haviam chegado a 2 Néfi 27:12, que forneceu a base para mostrarem as placas às Três e Oito Testemunhas, nesse mesmo mês. No fim de junho, a tradução estava terminada, quando então passaram a procurar um editor.

A tradução foi um feito assombroso, realizado num período de oitenta e cinco dias, de 7 de abril a 30 de junho. E, além da tradução, muitas outras coisas devem ter acontecido ao Profeta e seus escreventes. Precisaram de tempo para comer, dormir, encontrar trabalho (para comprar suprimentos quando ficaram sem dinheiro), para receber o Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque, ir pelo menos uma, possivelmente duas vezes até Colesville, Nova York – distante quarenta e oito quilômetros – para converter e batizar Hyrum e Samuel Smith, para transferir-se de Harmony para Fayette, garantir o copyright do Livro de Mórmon, pregar durante alguns dias e batizar diversas pessoas perto de Fayette, viver as manifestações espirituais com as Três e Oito Testemunhas, além de começar a providenciar a publicação do Livro de Mórmon.

Tudo isto reduz a uns sessenta e cinco dias de trabalho, ou menos, com os quais o Profeta e seus escreventes puderam contar para a tradução, resultando na média de umas oito páginas por dia. Nesse ritmo, a tradução de 1 Néfi deve ter demorado apenas uma semana; o sermão do Rei Benjamim, um dia e meio. Levando-se em conta a complexidade, consistência, clareza, maestria, exatidão e a profundidade e discernimento intelectual do Livro de Mórmon, a tradução do Profeta Joseph Smith é uma realização notável. Conforme testificou Oliver Cowdery, anos mais tarde: "Foram dias inolvidáveis—estar sentado ouvindo o som de uma voz ditada pela inspiração do céu, despertou a mais profunda gratidão neste peito! Dia após dia, continuei ininterruptamente a escrever as palavras de sua boca, enquanto ele traduzia . . . o Livro de Mórmon." □

VERDADES PERDIDAS RESTAURADAS

II PARTE

O que não saberíamos a respeito de Jesus Cristo, se não tivéssemos o Livro de Mórmon

Gilbert W. Scharffs

Nesta série de três artigos, Gilbert W. Scharffs, instrutor do Instituto de Religião SUD, comenta o que o Livro de Mórmon acrescenta ao nosso conhecimento do Salvador. No primeiro artigo, publicado em agosto, ele abordou o entendimento mais profundo que temos agora a respeito do sacrifício expiatório de Cristo, da ressurreição física universal e o que significam para a humanidade. Nesta segunda parte, o irmão Scharffs comenta o conhecimento proporcionado pelo Livro de Mórmon sobre o amor infinito do Senhor.

8. *O amor do Senhor abrange todas as raças e povos.* A Bíblia indica que o Senhor concede os convênios do evangelho a todas as nações, mas o Livro de Mórmon esclarece qualquer confusão sobre se o Senhor ama mais a um povo que a outro. Diz Néfi: "(O Senhor) convida a todos para que venham a ele e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios." (2 Néfi 26:33.)

9. *A influência do Salvador é tamanha, que ilumina a consciência do homem.* A maior parte das pessoas reconhece que o ser humano tem capacidade de distinguir o certo do errado, mas muitos se perguntam o que é, realmente, a consciência. Morôni registrou este ensinamento de seu pai, Mórmon: "O Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau." (Morôni 7:16.) O fato de a consciência humana ser iluminada pelo Espírito de Cristo, empresta uma nova dimensão ao papel e ofício do Senhor Jesus Cristo.

10. *Para nos tornarmos fiéis seguidores de Cristo, precisamos ter a opção de rejeitá-lo.* É muito difícil escolher uma coisa, se não existe outra opção disponível?

O arbítrio é decisivo para a verdadeira e fiel adesão. Diz Léhi: "É necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Pois, se assim não fosse . . . não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria . . .

O Senhor Deus deixou, portanto, que o homem agisse por si mesmo; e o homem não poderia agir por si mesmo, a menos que fosse atraído por uma ou outra coisa." (2 Néfi 2:11, 16.)

11. *A força e a liberdade da América dependem de seus habitantes servirem a Cristo.* Um dos principais temas do Livro de Mórmon é que os habitantes das Américas têm de servir ao Senhor a fim de prosperarem. Morôni explica que "toda nação que a possuir (a terra prometida dos povos do Livro de Mórmon) será livre da servidão, do cativeiro e de todas as outras nações debaixo do céu, se servirem ao Deus da terra, Jesus Cristo". (Éter 2:12.)

O Livro de Mórmon mostra como a rejeição dos ensinamentos de Cristo já destruiu duas antigas civilizações americanas. Os povos modernos dessa terra prometida devem lembrar-se disto: Caso se recusem a seguir o Senhor, eles, também, serão destruídos.

12. *Jesus Cristo é a fonte da genuína liberdade de qualquer pessoa ou nação.* No Livro de Mórmon se ensina este princípio. Dizia o Rei Benjamim: "Nascestes (de Cristo) e vos tornastes seus filhos e suas filhas.

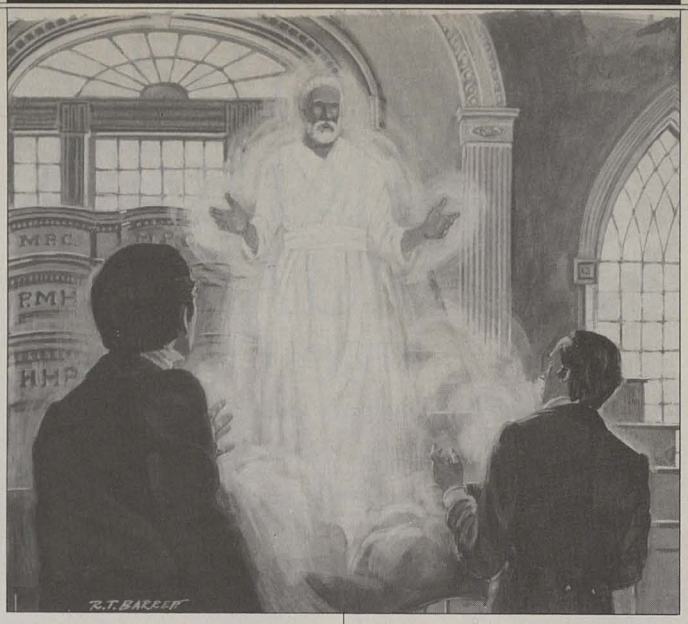
Sob esta chefia sois feitos livres, e não há outro chefe por meio do qual possais ser libertos." (Mosiah 5:7–8.)

Essa espécie de liberdade é-nos proporcionada pelo Salvador de duas maneiras: (1) por nosso Redentor ao vencer os efeitos da Queda (e morte), para que possamos voltar a viver; e (2) por nós ao vencermos os efeitos escravizantes do pecado pela aceitação e obediência a Cristo. Léhi ensina:

Del Parson



Del Parson



Robert T. Barrett

"Portanto, os homens são livres . . . para escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação." (2 Néfi 2:27.)

13. *Tanto a graça de Jesus Cristo como boas obras (das quais Cristo é o supremo exemplo) são necessárias ao plano de salvação.* Os santos dos últimos dias não devem admirar-se da ênfase que muitos cristãos emprestam à graça, chegando ao extremo de excluírem as boas obras. O Livro de Mórmon ensina que ambas são necessárias. Por exemplo, ele menciona o termo *graça* inúmeras vezes. Falando a Jacó, seu filho, Léhi ressalta a importância da graça para a salvação: "Nenhuma carne pode habitar na presença de Deus, a menos que seja por meio dos méritos, misericórdia e graça do Santo Messias, que dá sua vida." (2 Néfi 2:8.) Néfi também ensina que "é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer". (2 Néfi 25:23.)

A dependência da misericórdia de Cristo, todavia, não diminuiu em nada a importância das boas obras. Jesus Cristo instruiu seus discípulos nas Américas a fazerem boas obras: "Sabeis o que deveis fazer em minha igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis . . .

Portanto, se fizerdes essas coisas, bem-aventurados sereis, porque sereis levantados no último dia." (3 Néfi 27:21–22.)

Em ambos os casos, Jesus é o centro, quer consideremos a graça de Deus – tudo o que ele fez por nós que não podemos fazer por nós mesmos – ou as obras dele, que precisamos imitar.

14. *O Livro de Mórmon confirma a exatidão básica da Bíblia a respeito de Cristo.* Os anais judaicos estão sendo atacados por muitos povos, que não só rejeitam os ensinos bíblicos concernentes ao Senhor Jesus Cristo, como contestam a autoria e correção histórica de muitos de seus livros. No entanto, o Livro de Mórmon corrobora a autenticidade da Bíblia, confirmando o ministério e os ensinamentos de Cristo conforme são relatados na Bíblia, e também que Isaías, Malaquias e João são os autores dos livros que levam seus nomes.

15. *O Deus do Velho Testamento é Jesus Cristo.* O poder de Cristo vai muito além do que muita gente supõe. Grande número de pessoas não sabe que o Deus de que fala o Velho Testamento é Jesus Cristo. Seu nome não aparece nas versões atuais desse antigo registro.

Jesus declarou aos habitantes da América: "Eis que sou eu quem deu a lei, e quem fez aliança com meu povo, Israel." (3 Néfi 15:5.) Jacó ensinava que seus antepassados na Palestina "acreditavam em Cristo e adoravam ao Pai em seu nome". (Jacó 4:5.) E Néfi ensinou que "o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó" seria crucificado. (1 Néfi 19:10.)

16. *O espírito pré-mortal de Jesus Cristo tinha a aparência de seu corpo mortal.* A controvérsia sobre a natureza de Jesus Cristo antes de assumir seu corpo mortal continua sem solução entre muitos cristãos. Alguns chegam mesmo a duvidar se ele existiu antes de nascer na terra. No entanto, mais de dois mil anos antes de seu ministério mortal, Cristo apareceu a um profeta do Livro de Mórmon conhecido como o irmão de Jared, declarando-lhe: "Este corpo que agora vês é o corpo do meu espírito; . . . e assim como te apareço em espírito, aparecerei a meu povo na carne." (Éter 3:16.)

Muitos profetas do Velho Testamento que viram o Senhor, usam a expressão "cara a cara" para descrevê-lo. O incidente com o irmão de Jared prova que essa expressão não foi usada em sentido figurativo. (Vide Êxodo 33:11; Isaías 6:1.) □

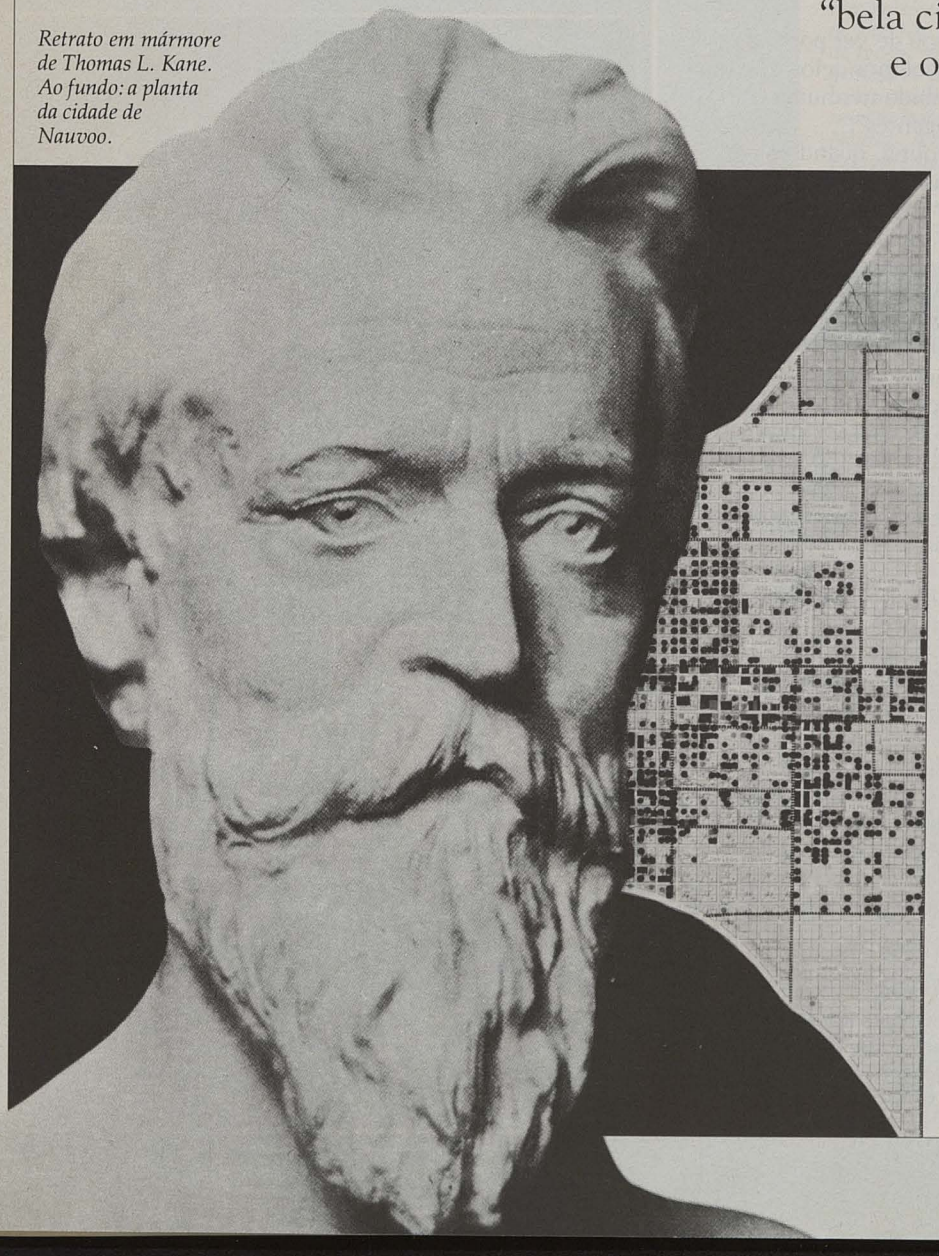
(a ser concluído)

Gilbert W. Sharffs é instrutor do Instituto de Religião SUD, da Universidade de Utah, Cidade do Lago Salgado.

AS RUAS DESERTAS DE NAUVOO

Thomas L. Kane
(1822–1883)

Um não-membro descobre a "bela cidade" abandonada e os santos miseráveis em retirada.



Retrato em mármore de Thomas L. Kane. Ao fundo: a planta da cidade de Nauvoo.

Embora nunca se tornasse um membro da Igreja, Thomas Leiper Kane era um grande amigo dos santos em suas lutas contra a perseguição religiosa. Muitas vezes ajudou a solucionar mal-entendidos entre o governo e os pioneiros mórmons. Combateu honrosamente na Guerra de Secessão dos Estados Unidos e, mais tarde, dirigiu a instalação de minas e a construção de uma ferrovia na Pensilvânia, onde nascera em 1822. A 26 de março de 1850, como conferencista na Sociedade Histórica da Pensilvânia, ele descreveu sua visita a Nauvoo, Illinois, em 1846, imediatamente após haver o populacho expulsado os santos remanescentes e tomado posse da cidade. O presente artigo é um extrato dessa conferência.

Antes de chegar a Nauvoo, Kane descreve a região de Iowa que atravessou de barco e carroça, como sendo um santuário para "ladrões de cavalos, falsários e outros



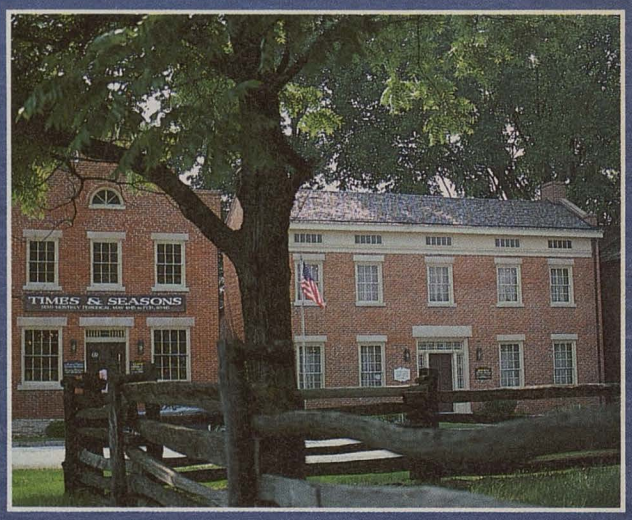
bandidos". Conta que se cansou de ver por toda parte "sórdidos vagabundos e colonos ociosos, e uma terra desfigurada, sem ter recebido nenhuma benfeitoria de suas mãos negligentes".

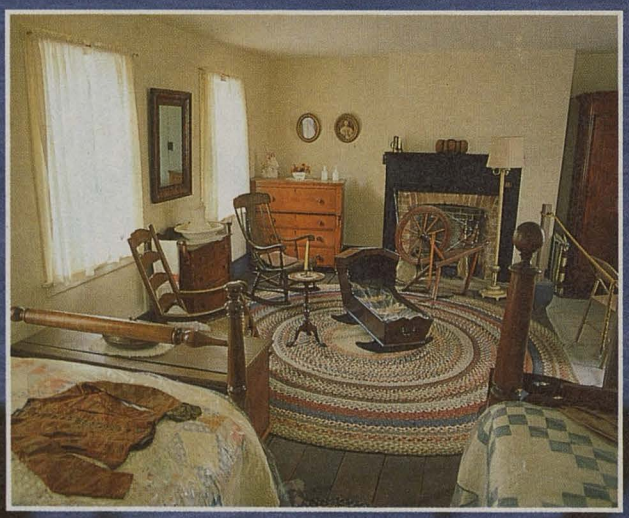
Estava descendo a última colina, quando uma maravilhosa paisagem, contrastando com a rudeza daquele lugar, descortinou-se à minha frente. Meio envolta por uma curva do rio, uma bela cidade resplandecia na fresca manhã ensolarada, com bonitas residências em meio a verdes jardins, os quais chegavam até perto de uma imponente colina em cujo cimo se erguia um majestoso edifício de aparência marmórea, cuja agulha da torre cônica reverberava raios dourados e prateados. A cidade parecia cobrir diversas milhas e, mais ao fundo, estendiam-se campos cultivados. Por todos os lados, as inconfundíveis marcas de industriosidade, empreendimento e prosperidade davam uma beleza singular e relevante ao cenário.

Kane consegue um pequeno barco e, remando, atravessa o rio até a cidade.

Não encontrei ninguém. Olhei em volta—não havia ninguém. Também não ouvia nenhum ruído. A quietude era tamanha, que pude ouvir o zumbido das moscas e o marulho das águas nas margens do rio. Caminhei pelas ruas solitárias. A cidade dormia como num sonho sob tamanha solidão, que temi acordá-la como se não tivesse dormido o suficiente. Não havia sinal de relva crescendo nas ruas pavimentadas. As chuvas ainda não haviam apagado as pegadas deixadas no pó.

Kane continua seu reconhecimento e encontra nas oficinas madeira, couro e ferro empilhados prontos para o uso, e as ferramentas e máquinas como foram largadas pelos trabalhadores. Depois percorre jardins, pomares e hortas bem cuidados; examina frutas, hortaliças e flores,







"A Batalha de Nauvoo", de C.C.A. Christensen. O conjunto do Times and Seasons *de Nauvoo onde esse jornal, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios, um hinário, e vários outros livros foram publicados entre 1839 e 1846. Quarto da casa de Jonathan Browning. Browning, um converso da Igreja, inventou um dos primeiros rifles automáticos.A família de Joseph Smith pode ter utilizado esta cabana de madeira enquanto ampliava a residência de Joseph Smith, seu primeiro lar em Nauvoo. A cabana foi reconstruída pela Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foto de Dick Brown. Ao fundo: O rio Mississipi em Nauvoo. O Templo de Nauvoo", C.C.A. Christensen.*



e sacia a sede numa fonte.

Ninguém me chamou de alguma janela aberta, nem ouvi um cão latindo, dando o alarma. Poderia supor que as pessoas estivessem escondidas nas casas, mas as portas não estavam trancadas; e quando timidamente entrei em algumas delas, encontrei cinzas (frias) branquejando nos fogões, e senti-me obrigado a andar pé ante pé . . . evitando produzir algum eco irreverente no chão.

O cemitério ficava nos arredores da cidade. Mas ali não encontrei nenhum sinal de epidemia, tampouco diferia de qualquer outro cemitério protestante americano. Algumas sepulturas haviam sido gramadas há pouco tempo, certas lápides eram novas, ostentando datas recentes . . .

Kane conta que, para além das casas, as safras de cereais apodreciam nas plantações extensas, sem que alguém as colhesse. Ao percorrer os subúrbios do lado sul da cidade, ele fez duas importantes descobertas.

O madeiramento das casas estava todo arrebentado. Paredes caídas eram sinais evidentes de luta. Dentro e em volta do magnífico templo, alvo principal de minha admiração, achavam-se acampados homens armados, cercados por seus mosquetões e peças leves de artilharia. Fizeram-me contar-lhes quem eu era e como tivera a ousadia de cruzar o rio sem permissão escrita de um de seus líderes.

Embora aparentassem estar alcoolizados, depois que expliquei que estava apenas de passagem, mostraram-se ansiosos em causar boa impressão. Contaram-me a história da cidade morta: que havia sido um grande centro industrial e comercial, abrigando mais de vinte mil pessoas; que haviam estado em guerra com seus habitantes por muitos anos e, finalmente, obtiveram sucesso somente alguns dias antes de minha chegada, numa luta travada no lado da cidade que agora estava destruído; após o que, haviam expulsado o inimigo à força. A defesa, contaram, fora obstinada, mas acabara cedendo no terceiro dia de combate. Jactavam-se muito de suas façanhas, particularmente nessa batalha, como a chamavam; mas verifiquei que não conseguiam concordar nos pormenores, um dos quais, segundo me lembro, foi o assassínio de um pai e seu filho de quinze anos, residentes havia pouco tempo na cidade fatídica, e que admitiam serem os dois portadores de um caráter sem mácula.

Então mostram a Kane "o interior do curioso templo", já desfigurado pelos vândalos, indicando-lhe várias características especiais do edifício, inclusive a pia batismal, "um amplo e fundo vaso cinzelado de mármore, sustentado por doze bois (de tamanho natural), também de mármore".

Permitiram-me também subir à torre, para ver onde tinha sido atingida por um raio no domingo anterior, bem como para observar, tanto a leste como ao sul, fazendas devastadas, semelhantes àquelas que já tinha visto perto da cidade, e que se estendiam a perder de vista na distância. Aqui, junto à cicatriz deixada pelo raio da ira divina, viam-se restos de comida, jarras de bebida vazias e garrafas quebradas . . .

Depois que a noite caiu, vi-me pronto para cruzar o rio de volta. O vento estava mais forte então, e a água batia agitada contra meu pequeno barco, o que me fez conduzí-lo contra a correnteza além do ponto de que partira pela manhã, desembarcando num local de onde me acenava uma luzinha desmaida.

Ali . . . abrigados tão somente pela escuridão, sem um teto entre eles e o firmamento, encontrei um grupo de centenas de criaturas humanas, que meus passos despertaram do desconfortável sono no chão.

A "luzinha desmaiada" que o guiara provinha de uma vela que mal iluminava uma pobre mulher que cuidava de um homem morrendo de febre. Ao lado, soluçando na escuridão, estavam sentadas duas meninas pequenas. Kane veria que se tratava de uma cena comum.

Grandes foram, realmente, os sofrimentos desses

seres esquecidos, castigados pelo frio e pelo sol, alternando-se numa sucessão inclemente de dias e noites. Eram quase todos vítimas indefesas de doenças. Lá estavam porque não tinham um lar, nem hospital, nem mesmo um abrigo de indigentes ou amigos que lhes oferecessem alguma coisa. Não podiam satisfazer nem mesmo as menores necessidades de seus doentes. Não tinham pão para acalmar a fome de seus filhos. Mães e recém-nascidos, filhas e avós, todos igualmente estavam (acampados) em farrapos, sem ter nem mesmo com que cobrir aqueles que a febre fazia tremer até os ossos.

Eram os mórmons, morrendo de fome no Condado de Lee, Iowa, na quarta semana de setembro do ano de 1846 de nosso Senhor. A cidade era Nauvoo, Illinois. Eram eles os donos dessa cidade e da risonha circunvizinhança. E aqueles que haviam feito parar seus arados e silenciado seus martelos, machados, suas lançadeiras e oficinas, que haviam apagado o fogo de suas lareiras e fogões, comido seu alimento, devastado seus pomares e pisado seus milhares de acres de trigo ainda não colhido, eram (agora) os moradores de suas habitações, os profanadores de seu templo, cuja turbulência e linguajar de embriaguez insultava os ouvidos de seus moribundos . . .

O grupo por mim encontrado junto ao rio eram os últimos mórmons que deixaram a cidade. Todos eles haviam prometido no ano anterior abandonar suas casas, procurando outro lugar para viver. Fora a condição da trégua entre eles e seus perseguidores; e como garantia de sua boa fé, os principais líderes . . . com seus familiares, deveriam partir para o Oeste na primavera de 1846. Em troca, ficara estipulado que o restante dos mórmons poderia permanecer no pacífico aconchego de seus lares de Illinois, até que os líderes, com seu grupo de exploradores, escolhesse para eles um novo local a fim de se estabelecerem além das Montanhas Rochosas, na Califórnia ou outro lugar qualquer, e até que conseguissem vender por um preço razoável suas propriedades, que então abandonariam.

Os inimigos, (porém), só esperaram até que os emigrantes estivessem bastante afastados para não poderem interferir, e então renovaram seus ataques, (aos santos remanescentes em Nauvoo).

Kane conta que, durante a trégua, enquanto lhe foi permitido ficar em Nauvoo, os santos continuaram trabalhando no templo.

Por estranho que pareça, sua principal preocupação era o término de seu belo templo. Desde a dispersão dos judeus, a história provavelmente não nos oferece nenhum paralelo ao apego dos mórmons a esse edifício. Sua edificação fora-lhes ordenada como um dever sagrado: e eles se orgulhavam da honra conferida à sua cidade, quando começou a erguer-se em todo seu esplendor, tornando-se o principal ponto de admiração dos forasteiros que passavam pelo Rio Mississipi. Além disso, haviam-no construído como uma obra de amor; o valor de seus dízimos e ofertas voluntárias nele empregado elevava-se a meio milhão de dólares. Dificilmente alguma mulher mórmon deixara de contribuir com alguma singela jóia ou com suas parcas economias: até o mais pobre dos homens mórmons trabalhara pelo menos um décimo do ano na construção de suas paredes . . . Por isso, apesar da ofensiva implacável de seus inimigos, conseguiram resistir aos ataques, até terminarem mesmo a douração do anjo com sua trombeta no alto de sua esguia torre.

Terminado o templo, foi dedicado em maio de 1846. Terminados os sagrados ritos da consagração, os santos retiraram do edifício tudo o que tivesse valor e qualquer coisa que pudesse ser profanada pela turba.

O trabalho prosseguiu durante a noite inteira; e, ao raiar do novo dia, todos os ornamentos e mobiliário, tudo o que pudesse provocar escárnio, já fora retirado; e, excetuando certos acessórios fixos que não podiam ser removidos, o prédio estava reduzido às quatro paredes.

Foi este o dia que contemplou a partida dos últimos élderes e do grupo mais numeroso que partiu





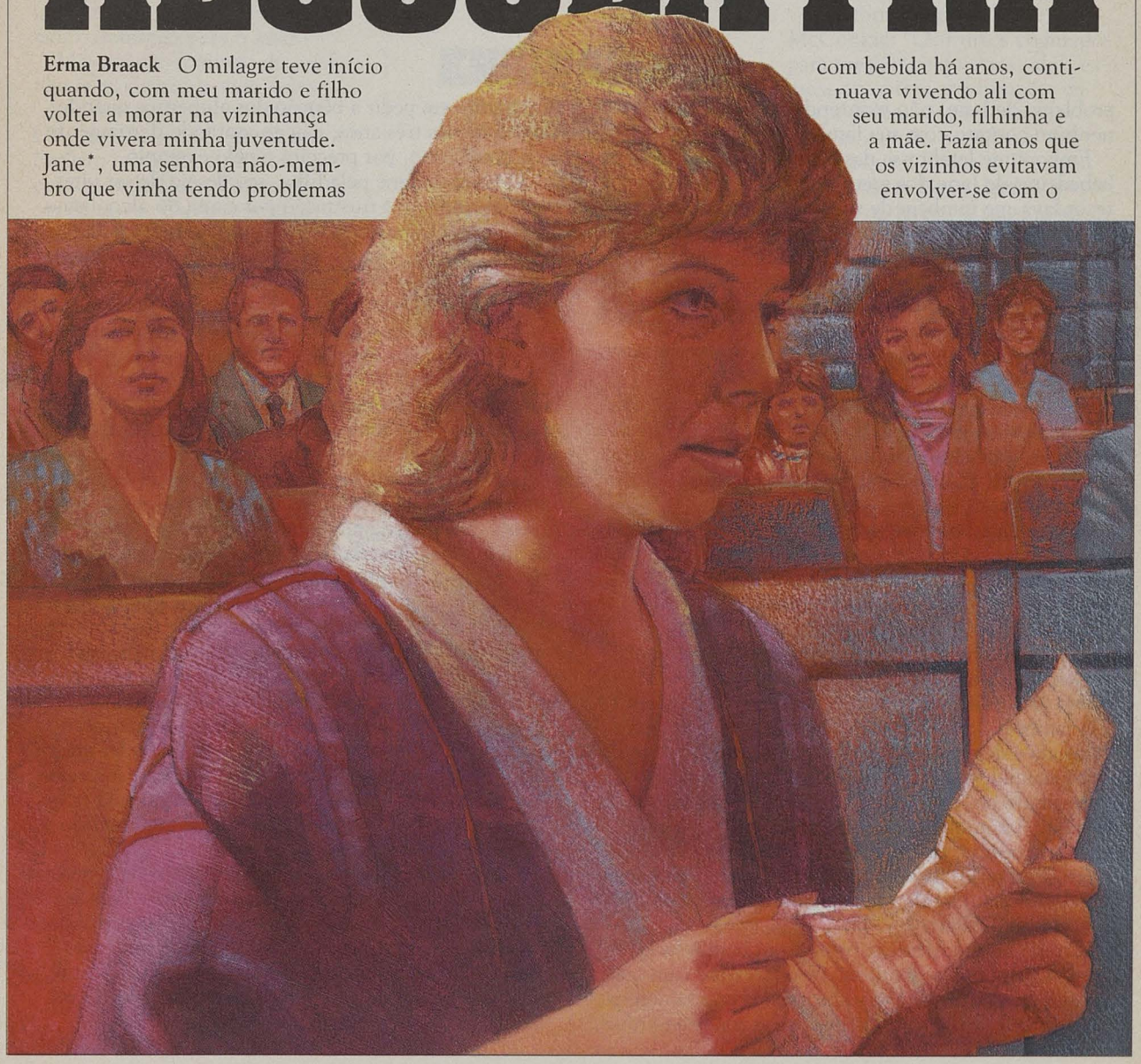
"Nauvoo, Illinois", pintura sobre estanho de John Schroeder, de 1859, cerca de treze anos após os santos haverem deixado a cidade. A grande estrutura branca no alto da colina eram as paredes externas do templo profanado de Nauvoo danificado por turbas, tempestades, e incêndio. Thomas L. Kane foi um oficial durante a Guerra Civil Americana.

de uma só vez. O povo de Iowa contou-me que, da manhã até a noite, eles (os santos) foram rumando para o Oeste como uma procissão sem fim. Não pareciam muito abatidos, disseram; mas, no alto de cada colina, voltavam-se para olhar suas casas abandonadas e o templo visível de longe, com sua agulha reluzente, até desaparecerem.

Antes de sua visita a Nauvoo, Kane observara os santos trabalhando e divertindo-se nos Acampamentos de Israel, impressionando-se com a honestidade e sinceridade de seus testemunhos do evangelho. Mostrou-se abismado com os sacrifícios de muitos deles, e com o amor reinante nos acampamentos, apesar da fome e tribulações que os santos sofriam. Anos mais tarde, visitou por três vezes os santos em Utah, onde era sempre bem recebido. Sua última visita, em 1877, foi por ocasião da morte de Brigham Young. À "direção magistral", dele, dizia, os santos deviam sua prosperidade. Horas antes de sua morte, em 1883, na Pensilvânia, pediu à esposa que enviasse a "mais terna mensagem que podes imaginar aos meus amigos mórmons – a todos os meus queridos amigos mórmons". □

A FILHA DA ALCOÓLATRA

Erma Braack O milagre teve início quando, com meu marido e filho voltei a morar na vizinhança onde vivera minha juventude. Jane*, uma senhora não-membro que vinha tendo problemas com bebida há anos, continuava vivendo ali com seu marido, filhinha e a mãe. Fazia anos que os vizinhos evitavam envolver-se com o



Mitchell W. Heinz

Um dia Jane falou-me de certo lugar em que "curavam" alcoólatras. Não era um processo fácil, mas ela resolveu arriscar. Preferia morrer a continuar como era.

problema de Jane, não mantendo, deliberadamente, nenhum contato com sua família.

Embora me lembrasse das histórias dos desvarios e bebedeiras de Jane dos meus tempos de escola, recordava-me também de sua bondade como enfermeira. Nunca estava ocupada demais para atender a alguém com dores, durante a noite. Cheguei à conclusão de que ela não podia ser totalmente má. Após todos aqueles anos, resolvi aceitar suas boas qualidades e ignorar os boatos.

Logo percebi que nem tudo era boato. Jane *era* uma alcoólatra. Durante seus acessos de alcoolismo, tudo poderia acontecer. Mas, no resto do tempo, ela era uma ótima esposa, mãe exemplar e grande amiga. Todavia, ninguém parecia capaz de ajudá-la a vencer o alcoolismo. Ela estava literalmente matando-se de tanto beber.

A família estava desesperada. Eles a aceitavam, eles a amavam, procuravam agüentar a situação; seus corações angustiados clamavam por ajuda. Eu só podia oferecer a Jane meu amor e amizade.

Como Mary, a filha de Jane, e meu filho eram praticamente da mesma idade, passei a incluí-la em nossas atividades familiares. Nós a levávamos conosco às reuniões da Igreja, a piqueniques e passeios. Ela também ficava conosco, quando Jane estava embriagada e desatinada. Lembro-me de que, um dia, por exemplo, encontrei Jane saindo de um empório carregando um cartucho de papel cheio de garrafas de bebida. Assim que me viu, meteu a mãozinha de Mary na minha, pedindo que a levasse para casa comigo. Por vários dias, a mãe de Jane, seu marido e eu procuramos cuidar de Mary, mantendo sua vida o mais normal possível.

Com o tempo, desenvolveu-se um bom relacionamento entre nossas famílias. Admirava-me com que facilidade a pequena Mary absorvia os ensinamentos do evangelho. Ela o levava para casa aos pouquinhos, insistindo em pedir a bênção dos alimentos quando tinha apenas três anos, e acrescentando diariamente um pouquinho, por preceito e pelo exemplo.

O amor de Jane pela filha, seu desejo de ser uma mãe exemplar e a frustração por causa do alcoolismo quase a destruíram. Acabou ficando desesperada para mudar de vida. Um dia falou-me de certo lugar em que "curavam" alcoólatras. Não era um processo fácil—a maioria desistia, devido à pressão insuportável e recaía no desespero. Mas Jane resolveu arriscar. Preferia morrer a continuar como era.

O tratamento era caro, mas a família deu um jeito de conseguir o dinheiro. Jane ficou fora durante meses. Mais tarde, comparou esse tempo ao verdadeiro inferno, repleto de angústia e sofrimento.

Enquanto estava fora, escrevi-lhe cartas de amor e incentivo. Numa delas, dei ênfase ao valor da oração e o quanto poderia ajudá-la. Só anos mais tarde, quando ela retirou da bolsa, quase em frangalhos de tão manuseada, e leu alguns trechos numa reunião de testemunho, eu soube o quanto a carta a ajudara.

Jane venceu. Foi uma das poucas que ficaram realmente curadas. A saúde estava bastante arruinada pela bebida, mas seu espírito achava-se triunfante. Ela vencera a batalha. Mas ainda não foi tudo.

Um dia, Jane veio conversar com meu marido e comigo. Contou-nos que Mary, com quase dez anos na época, queria ser batizada. A verdadeira surpresa aconteceu quando Jane nos comunicou que ela também desejava ser batizada. Queria que meu marido fizesse o batismo das duas.

Jane e Mary tornaram-se membros fiéis da Igreja. Pouco tempo mais tarde, o marido e a mãe dela se filiaram à Igreja. Passaram-se anos. Então, certo dia, Mary me apresentou um jovem. Falaram em casamento. Passados seis meses, Mary e o rapaz se casaram, e a família de Jane foi selada no templo. O milagre estava completo. □

ENSINAR AS CRIANÇAS A SEGUIREM O PROFETA

Por alguma razão, quando Peter Nordhoff passou pela sala, as palavras vindas da televisão fizeram-no estacar. Sua esposa, recentemente reativada pelo empenho de uma amiga, estava assistindo à transmissão da Conferência Geral.

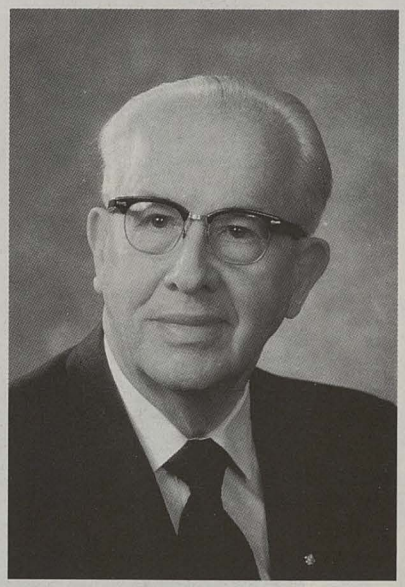
Peter e Adrina foram criados na Igreja e casaram-se no templo, mas há quase dez anos vinham tendo pouco contato com a Igreja. A princípio, Peter tinha que trabalhar aos domingos. Quando isto mudou, passaram a usar o domingo para o lazer.

Mas aquele domingo de conferência modificou a vida deles. "As palavras de um profeta de Deus me afetaram", diz Peter. "O Espírito falou-me através do porta-voz de Deus. Foi como nascer de novo. Ouvir o profeta ajudou-me a compreender que devia começar a fazer o que se esperava de mim, se quisesse conservar minha esposa e filha na eternidade." Mais tarde, naquele mesmo dia, Peter e Adrina foram procurar o bispo.

"Passamos de pouco ativos para superativos muito depressa", recorda, sorrindo, Adrina.

Prova do Amor de Deus

Como os Nordhoff, todos nós podemos ser abençoados pelas palavras dos profetas do Senhor – basta que ouçamos o que dizem e sigamos seu conselho. Quão afortunados somos pelo fato de o "Deus vivente" ter restaurado a sua "Igreja viva" com "profetas vivos" e "escrituras adicionais". (Neal A. Maxwell, *Scriptures for the Modern World*, edited by Paul R. Cheesman and C. Wilfred Griggs, Provo: Religious Studies Center, 1984, p. 1.) A existência de um profeta vivo na terra hoje é prova de que Deus nos ama e se interessa por nós.



Quando falamos do profeta da Igreja, estamo-nos referindo ao presidente dela, que também preside o sumo sacerdócio. Ele é apoiado pela congregação da Igreja como "profeta, vidente e revelador", e retém as "chaves do reino". (Vide D&C 81:2.) O profeta, e conselheiros formam a Primeira Presidência da Igreja. Nós apoiamos a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze como profetas, videntes e reveladores.

Conforme explica Bruce R. McConkie: "Os irmãos chamados para presidir os quoruns, alas, estacas ou outras organizações da Igreja devem ser profetas para aqueles a quem presidem." Ele ressalta que a Primeira Presidência preside todas as demais presidências na Igreja, e isto em virtude de sua autoridade apostólica, sendo portadores "tanto da plenitude do sacerdócio como de todas as chaves do reino de Deus na terra. O presidente da Igreja serve nesse alto e exaltado cargo por ser o apóstolo sênior de Deus na terra . . . (Ele) é o profeta presidente na terra e, como tal, aquele por cujo intermédio se transmite revelação ao mundo." (*A New Witness for the Articles of Faith*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1985, pp. 348–350.)

Muitas pessoas vivem nas tre-

vas, incertas quanto à vontade de Deus. Acreditam que os céus estejam fechados e que o homem é obrigado a enfrentar sozinho os desafios do mundo. Mas nós, santos dos últimos dias, temos a ventura de saber que o Senhor, por meio de seu profeta, nos instruirá a respeito de assuntos atuais. (Vide Amós 3:7.)

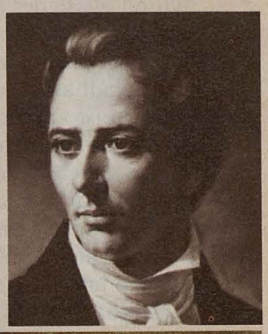
Aos pais cabe ensinar essas verdades aos filhos. Uma boa maneira de começar é debater com eles perguntas como estas:

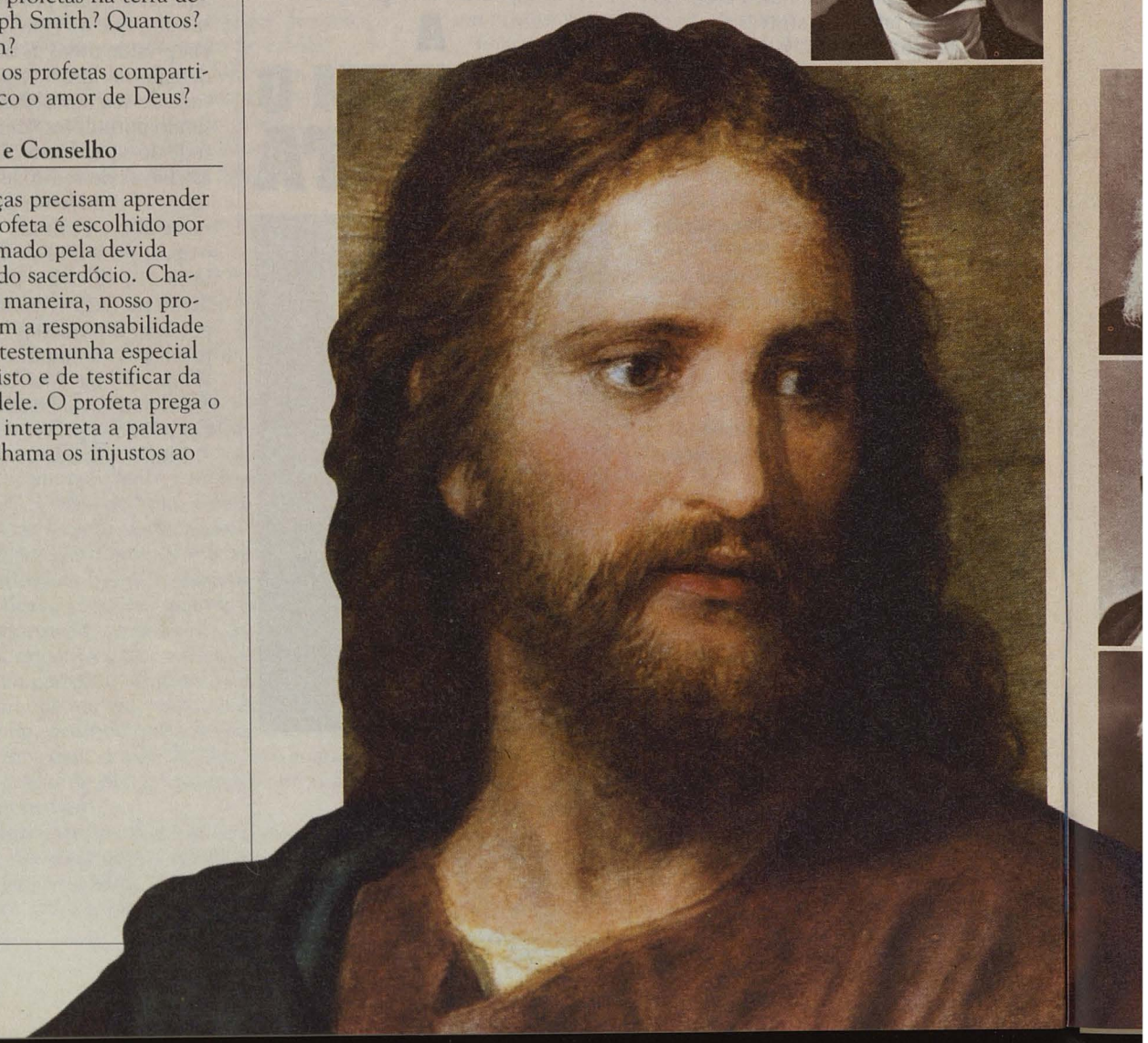
1. Quantos nomes de profetas você sabe dizer?
2. Qual foi o profeta que restaurou o evangelho na era moderna? Como aconteceu?
3. Houve profetas na terra depois de Joseph Smith? Quantos? Quem foram?
4. Como os profetas compartilham conosco o amor de Deus?

Orientação e Conselho

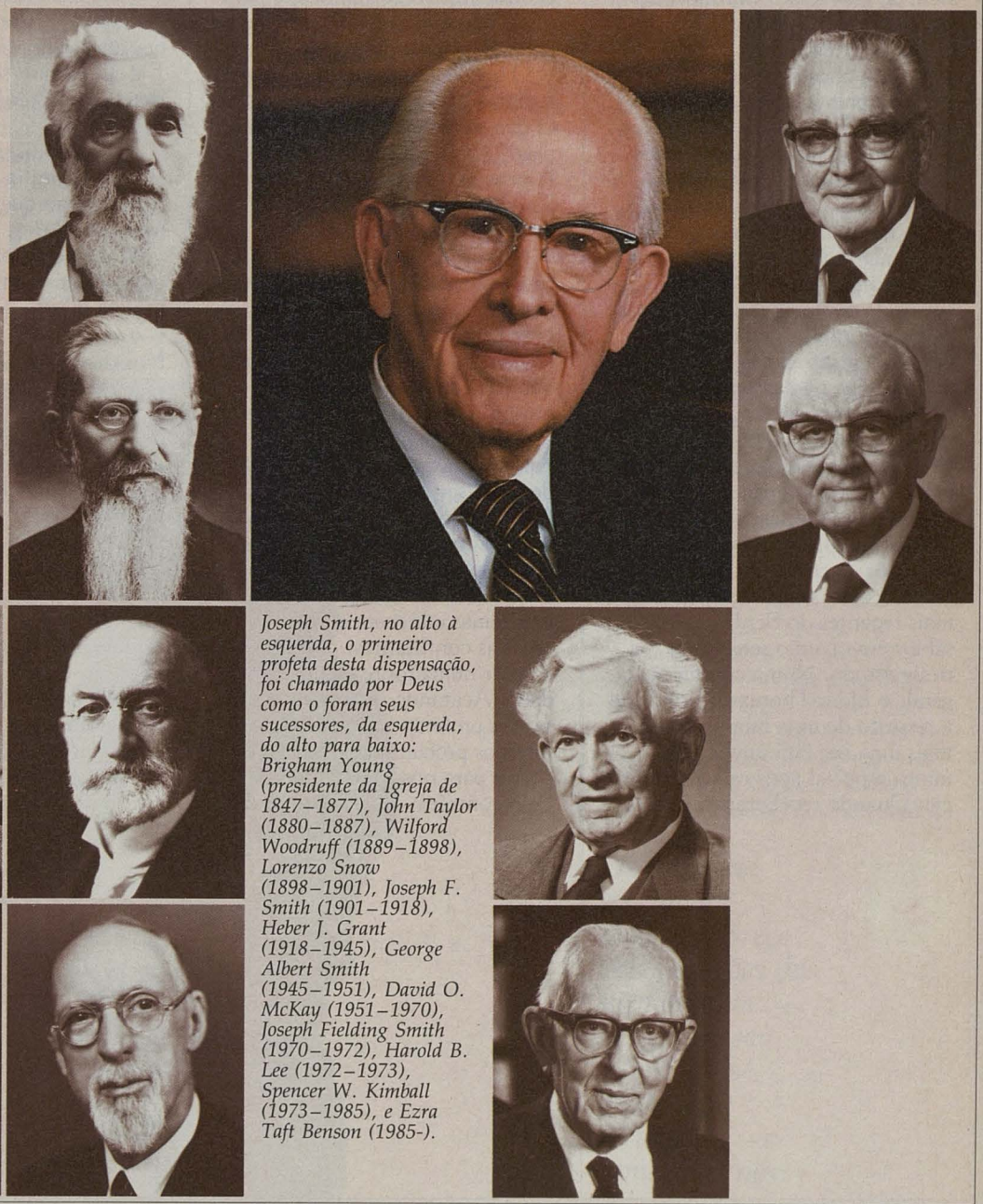
As crianças precisam aprender que todo profeta é escolhido por Deus e chamado pela devida autoridade do sacerdócio. Chamado dessa maneira, nosso profeta vivo tem a responsabilidade de ser uma testemunha especial de Jesus Cristo e de testificar da divindade dele. O profeta prega o evangelho, interpreta a palavra de Deus e chama os injustos ao arrependimento. Ele recebe revelações e orientação do Senhor para o nosso bem, e é capaz de prever o futuro e predizer acontecimentos iminentes, a fim de advertir o mundo.

"Hoje em dia, o Senhor está revelando sua vontade a todos os habitantes da terra, e aos membros da Igreja em particular, sobre questões atuais, por intermédio do profeta vivo, tendo à testa a Primeira Presidência. O que eles dizem como presidência é o que o Senhor diria, se estivesse aqui . . . e é escritura." (Marion G. Romney, Conferência Geral, abril de 1945.)





O Senhor revela sua vontade através de seu profeta vivo. O que o profeta fala é o que o Senhor falaria se estivesse na terra – e é escritura.



Joseph Smith, no alto à esquerda, o primeiro profeta desta dispensação, foi chamado por Deus como o foram seus sucessores, da esquerda, do alto para baixo: Brigham Young (presidente da Igreja de 1847–1877), John Taylor (1880–1887), Wilford Woodruff (1889–1898), Lorenzo Snow (1898–1901), Joseph F. Smith (1901–1918), Heber J. Grant (1918–1945), George Albert Smith (1945–1951), David O. McKay (1951–1970), Joseph Fielding Smith (1970–1972), Harold B. Lee (1972–1973), Spencer W. Kimball (1973–1985), e Ezra Taft Benson (1985-).

Em vista da modificação constante do mundo e variação dos problemas que enfrentamos, temos profetas viventes para nos aconselhar a respeito de problemas atuais. Esse conselho é-nos transmitido tanto nas conferências gerais como nas de estaca, e nas publicações da Igreja, como revistas, livros de lições e outros, além de gravações. Por meio deles, podemos tomar conhecimento da vontade do Senhor e seguir seu conselho de "(estudar) a minha palavra que foi enviada aos filhos dos homens, e . . . também minha palavra que virá aos filhos dos homens". (Vide D&C 11:21–22.)

"A maneira que mais aprecio de estudar a palavra dos profetas", diz Maxine Johnson, "é ler os discursos de conferência nas revistas da Igreja. Assim, posso ler esses discursos inspiradores sempre de novo, o que não só alimenta minha alma enquanto cuido de meu trabalho diário, como me mantém informada a respeito da palavra do Senhor transmitida pelas Autoridades Gerais."

Todos nós devemos estudar os discursos de conferência geral, a fim de poder seguir os conselhos mais recentes do Senhor. Os pais sábios envolverão seus filhos nesse estudo. Numa conferência geral, o Élder Thomas Fyans falou a respeito de uma família "que mais uma vez fará uma coisa muito especial após esta conferência. Quando receberem a revista da Igreja com os discursos da conferência, a família imediatamente lerá as mensagens, com os filhos mais velhos comentando os discursos escolhidos . . .

Haverá motivo de surpresa, quando o pai diz: 'Nossa família considera as conferências gerais como uma lista das coisas do Senhor nas quais nos devemos concentrar. Elas têm significado para nós e nossos filhos mais do que palavras podem dizer' . . .

O que as instruções desta conferência vão significar para nós? O que significarão para nós como pais?" ("Fazer das Conferências Pontos Decisivos em Nossa Vida", *A Liahona*, julho de 1975, pp. 39–40.)

Nos primórdios desta dispensação, o Senhor já esclareceu a importância dos conselhos de seus profetas: "O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa." (D&C 1:38.)

É confortante saber que, em nossa época, quando pretensos entendidos em todos os assuntos e problemas oferecem conselho e receitas conflitantes, podemos confiar numa fonte segura da verdade. Acatando os conselhos de nossos profetas modernos, não estaremos procurando às cegas respostas para nossos problemas. Pelo contrário, nós dispomos de uma liderança clara e consistente.

A noite familiar é uma excelente oportunidade para debater maneiras de seguir o profeta. O debate com as crianças poderia incluir perguntas como as que se seguem:

1. Lembram-se de como Deus afastou Léhi e sua família dos perigos de Jerusalém? De que perigos, em sua opinião, Deus está mandando o Presidente Benson nos afastar hoje?
2. Lembram-se de alguma revelação de um profeta de nossos dias?
3. Poderiam sugerir maneiras de nossa família começar a seguir o profeta no que ainda não estamos fazendo?
4. Como nossa família poderia prestar mais atenção ao que o profeta fala?

Nossas Orações em Favor Dele

Os profetas costumam mostrar seu apreço pelas orações dos membros da Igreja em seu favor. Tais orações os fortalecem – e também a nós.

Certa família viu-se mais abençoada do que já era, ao buscar o testemunho do chamado divino do profeta. Pouco depois de terem notícia do falecimento do Presidente Joseph Fielding Smith, a família ajoelhou-se em oração. "O pai agradeceu por ter vivido durante o ministério desse grande profeta. Depois, deu graças ao Senhor por todos os profetas que vi-

Longin Lonczyna, Jr.

veram, e particularmente pelo Presidente Harold B. Lee (o novo presidente da Igreja). Rogou que os filhos viessem a conhecer o novo profeta e estudassem seus ensinamentos. 'Abençoa estas boas crianças, Pai', orou ele, 'para que possam seguir aqueles que seguem ao profeta, e que nunca façam algo que o Presidente Lee não faria.'" (Marion P. Sorensen, "Ensinar a Criança através da Oração", *A Liahona*, outubro de 1973, p. 10.)

Outro pai fortaleceu seus familiares, prestando-lhes testemunho de que sentira o manto de profeta pousar sobre os ombros do Presidente Ezra Taft Benson, depois de ouvir seu primeiro discurso na qualidade de presidente. "Em sua primeira mensagem à Igreja como profeta, o Presidente Benson falou sobre 'limpar o vaso interior', tornar-se moralmente puro e fazer as coisas certas pelos motivos certos." Ele explicou à família que, durante o discurso, sentiu-se tão cheio do espírito de amor, que soube, sem sombra de dúvida, que o novo presidente estava falando as palavras que o Senhor diria, se estivesse ali.

A maneira como nossa família ora pode contribuir consideravelmente para ensinar nossos filhos a seguirem o profeta. Ao nos prepararmos para orar, seria proveitoso nos perguntarmos:

1. Como nossas orações ajudam o profeta e outros líderes?
2. O que poderíamos rogar ao Pai Celeste em favor do profeta?
3. Será que precisamos orar por uma vontade maior de seguir o profeta?



Longin Lonczyna, Jr.

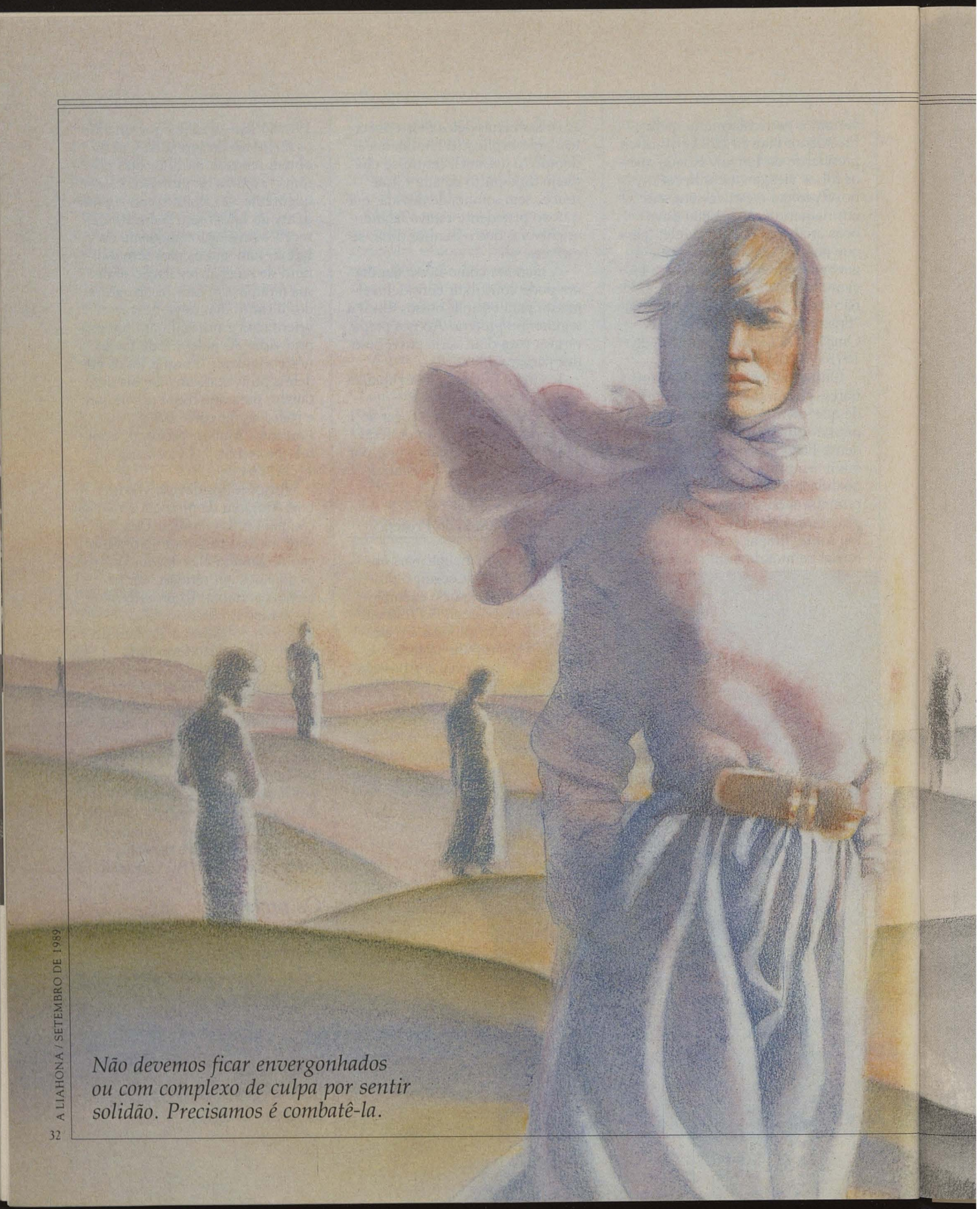
Seguir o Exemplo do Profeta

Uma das maneiras mais importantes de seguir o profeta, é seguir o exemplo do profeta. "O testemunho de Jesus é o espírito de profecia", escreveu o Apóstolo João. (Apocalipse 19:10.) Isto significa que quando os membros da Igreja de Cristo obtêm um testemunho, eles obtêm o espírito de profecia. Conseqüentemente, assim como o presidente da Igreja tem o direito de receber revelação em nome da Igreja, também os pais têm o direito de receber revelação para sua família. De fato, todo santo dos últimos dias deve buscar orientação espiritual para sua própria vida. As palavras de Paulo nos convidam: "Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros; para que todos aprendam, e todos sejam consolados . . . Portanto, irmãos, procurai, com zelo profetizar." (I Coríntios 14:31,39.)

Nossos filhos devem ver-nos buscar o dom da profecia e revelação para nossa família. Eles devem ver-nos responder à orientação do profeta eles devem ver que os guiamos em retidão, em paciência e amor. Ao procedermos desse modo, eles nos verão seguindo o Salvador, o Profeta de Israel. (Vide Deuteronômio 18:15–19.)

Como santos dos últimos dias, sabemos que há apenas um profeta verdadeiro na face da terra que fala a todo o mundo em nome do Senhor, de quem é servo. Seguir a orientação dada por nosso profeta e demais líderes da Igreja é vital. Apenas os profetas podem guiar-nos seguramente ao final desta vida e de volta à presença de nosso Pai Celestial. □

Os profetas costumam mostrar apreço pelas orações dos membros da Igreja em seu favor. Tais orações os fortalecem –e também a nós.



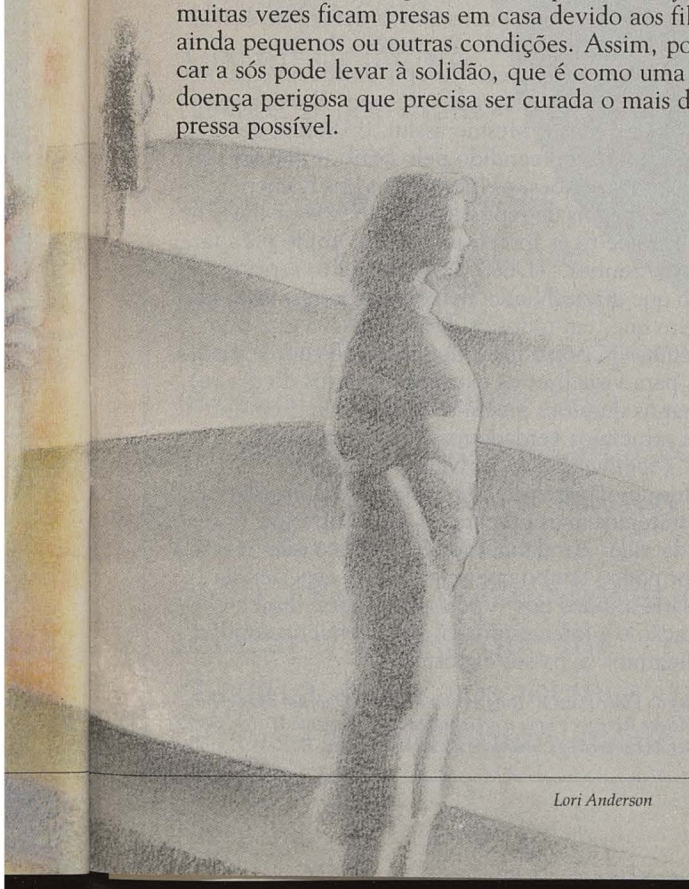
Não devemos ficar envergonhados ou com complexo de culpa por sentir solidão. Precisamos é combatê-la.

SÓ, MAS NÃO SOLITÁRIA

Helene Ringger

Tempos atrás, participei de um serão da Sociedade de Socorro da estaca. Seu tema era "Estar *só*, mas não *solitária*". Durante o encontro, que incluiu um debate, chegamos à conclusão de que, no passado, a maioria das irmãs presentes não apenas ficara só como também às vezes sentira-se solitária. Não importa se a pessoa é casada, viúva, solteira ou divorciada, ela pode sentir solidão até mesmo rodeada pela família, numa multidão ou no trabalho.

É bem provável que mesmo as irmãs da Igreja, casadas com portadores ativos do sacerdócio, não apenas são deixadas a sós e sentem-se sós, mas também, às vezes solitárias. Especialmente quando são jovens, muitas vezes ficam presas em casa devido aos filhos ainda pequenos ou outras condições. Assim, pois, ficar a sós pode levar à solidão, que é como uma doença perigosa que precisa ser curada o mais depressa possível.



Lori Anderson

Por outro lado, todos nós precisamos de momentos de silêncio, de meditação e para ficar a sós. Muitas vezes escolhemos tais momentos voluntariamente. Jesus Cristo e Joseph Smith são dois ótimos exemplos de pessoas que buscavam a privacidade. Cristo retirou-se para o deserto por quarenta dias. (Vide Mateus 4:1–11.) Joseph Smith procurou um bosque. (Vide Joseph Smith 2:14–17.) No entanto, na vida de ambos houve momentos em que não estavam sós, mas sentiram solidão. Lembre-se de Cristo na cruz. (Vide Marcos 15:22–34.) Lembre-se de Joseph Smith na cadeia de Liberty. (Vide D&C 121:1–6.)

Ainda que nunca nos encontremos em situação tão angustiosa como eles, a solidão poderá causar-nos o mesmo impacto. Por isso, não devemos ficar envergonhados ou com complexo de culpa por sentir solidão. Precisamos é combatê-la. Há duas maneiras de lidar com tal situação, uma negativa e outra positiva. A primeira é o caminho da autocomiseração, da crítica, raiva, acusações injustas e descontentamento. Ele não nos tira da solidão.

O segundo, o caminho certo para fugir à solidão, é dedicar-se a atividades significativas, como prestar serviço na Igreja ou comunidade; quer dizer, ajudar outros mais necessitados do que nós. Existe uma máxima que diz: "Eu lamentava não ter sapatos, até encontrar alguém sem pés." Quando dedicamos parte de nossa vida a coisas significativas, apesar de estarmos sós, sobrevém a paz.

Gostaria de contar uma experiência pessoal. Quando criança, fui abençoada com um pai bom e gentil, mas também extremamente atarefado. Era muito ativo na Igreja, bem como na política, e muitas vezes era obrigado a deixar a família sozinha.

Sempre desejei que, no futuro, isto não voltasse a acontecer. No entanto, o homem pelo qual me apaixonei era não só ativo na Igreja e política tal qual meu pai, como teve de servir muito tempo no exército suíço.

Creia-me, houve momentos em que fiquei realmente furiosa e, em pensamento queria abolir a polí-

tica e o exército, além de reformular os negócios da Igreja, de modo que pudesse passar mais tempo com meu marido, e nossos filhos pudessem passar mais tempo com o pai. Na Igreja, nenhuma das irmãs se queixava ou mencionava esses problemas, por medo de parecer estar criticando.

Um discurso que ouvi há alguns anos, proferido por Lois Brown, esposa de um ex-Bispo Presidente, modificou minha atitude. Ela convenceu-me de que o problema não era só meu, e que não havia nada de mal em falar sobre sentir-se só e solitária. Dizia a irmã Brown que, muitas vezes, teve de combater a sensação de desapontamento, quando uma boa refeição gelava enquanto aguardava o marido.

De repente já não mais me sentia culpada. Deixara de ter vergonha do que sentia; ousava até falar a respeito – não para criticar, regozijar-me em ter pena de mim mesma, ou dar vazão à raiva, mas para encontrar um caminho. Quando meu marido foi chamado como presidente de estaca, mostrei o que sentia numa entrevista com o Presidente Monson. Falei de meu medo quando meu marido voltava de carro muito depois da meia-noite de reuniões da Igreja em outras cidades. O Presidente Monson não deve ter recebido meus comentários como crítica, pois aquelas reuniões tardias foram reprogramadas.

Outro recurso maravilhoso que usei para encontrar soluções para minha solidão foi a oração. Lembrei-me de Neemias e seu povo no Velho Testamento, que construíram um novo muro para protegê-los de seus inimigos. Eles não só oraram pedindo proteção, mas também "(puseram) uma guarda contra eles, de dia e de noite, por causa deles". (Neemias 4:9.) Eu também "pus uma guarda contra" a solidão, construindo uma vida paralela à de meu marido e dedicando-me a atividades proveitosas, passatempos e dando assistência a meus semelhantes necessitados.

Se, conscientemente, procurarmos uma saída da solidão e tomarmos providências para curar esse perigoso "mal" de que falamos, haveremos de nos sentir realizadas. Toda pessoa, independente de sua situação na vida, precisa sentir-se realizada.

Entretanto, realizar-se na vida dá trabalho. Não espere que sua situação se modifique, mas aprenda a conviver com ela. Dizia o Presidente David O. McKay: "A maior batalha da vida trava-se nos recônditos silenciosos da alma." (Stephen R. Covey, *The Spiritual Roots of Human Relations,* Salt Lake City: Deseret Book Co., 1970, p. 67.) A luta para derrotar o sentimento de solidão não é fácil, e pode haver reincidências. Mas é possível vencê-la, empenhando-nos em participar de atividades proveitosas e em evitar a tendência de ter pena de si mesma, raiva e crítica.

Apesar, porém, de querermos vencer o sentimento de solidão, ainda assim desejamos reservar todos os dias alguns momentos para nossa privacidade e ficarmos sós. Alguém perguntou a um hindu como ele conseguia manter a grande serenidade e paz que refletia, independente das pressões que enfrentasse. Sua resposta: "Nunca abandono meu lugar de meditação." Todas as manhãs ele meditava durante trinta minutos. Depois, jamais abandonava mental e emocionalmente esse lugar; conservava dentro de si o espírito desse lugar em meio às pressões do dia.

Diz Stephen R. Covey: "Joseph Smith teve sua experiência do Bosque Sagrado . . . onde lhe apareceram o Pai e o Filho. Mesmo assim, o Profeta desta dispensação foi repreendido pelo Senhor por, às vezes, ceder às pressões, às 'persuasões dos homens'. Certa vez, depois de repreendê-lo, o Senhor lhe disse: 'Eis que tu és Joseph e foste escolhido para fazer a obra do Senhor.' (D&C 3:9.) Em certo sentido é o mesmo que dizer: 'Nunca deixes teu Bosque Sagrado.'

Sugiro que, em todos os dias de nossa vida, nos refugiemos em nosso lugar de piedoso estudo e meditação, para visualizar os eventos previstos do dia (e) dominar as questões preeminentes da vida, em função de princípios verdadeiros e do caminho de Deus." (*Spiritual Roots*, p. 64.)

Se formos capazes de diferenciar o estar só da *solidão,* estaremos mais preparados para enfrentar os desafios da vida. Ainda melhor é sabermos que ficar a sós, por pouco tempo que seja, é uma experiência necessária a todos nós – pois nos proporciona a orientação e a força espiritual para vencer a solidão, ao aplicarmos os passos expostos. □

Esposa do Élder Hans B. Ringger, do Primeiro Quorum dos Setenta, a irmã Helene Ringger é uma representante de junta geral de área. Serve como líder de transição da Sociedade de Socorro em sua ala.

TIA FIA

Marilyn J. Whipple



Recordo-me vividamente de, quando criança, ficar observando Tia Fia cobrir sua cama com a bonita colcha nova que ganhara de presente. Costumava comentar sua beleza, dizendo que alegrava sua casa. Como poderia saber? Pois na época já estava totalmente cega. Como conseguia arrumar a cama com tamanha perfeição e manter a casa tão em ordem?

Eu adorava vê-la escovar e trançar o cabelo que lhe chegava quase aos joelhos, para depois enrolá-lo num coque caprichado no alto da cabeça. O que admirava acima de tudo, entretanto, era sua capacidade de comunicar-se com Tio Andrew, seu querido marido, que era praticamente surdo. Ele a saudava carinhosamente ao chegar para almoçar, depois de cumpridas suas tarefas matinais lá fora, e por meio de um toque gentil eles se comunicavam entre si.

Foi só após a morte de ambos que tomei conhecimento da história de amor dos dois – de

como Andrew, irmão de minha avó, por três vezes economizara arduamente seu dinheiro para trazer Fia – Sophia Wahlgren – para a América, antes que a gentil mocinha de voz doce e maviosa se tornasse sua esposa.

Sophia nasceu em Malmo, Skona, Suécia, em 1879, filha de Henric Wahlgren e Ulrica Vadst. Tinha um irmão que morreu ainda criança e uma irmã chamada Mia. O pai, decorador de interiores, era abastado. A família mantinha um casal de empregados, e as crianças recebiam aulas de música e uma educação aprimorada.

Aos sete anos, Fia contraiu um resfriado que lhe afetou os olhos. A mãe levou-a a um médico ainda estagiário no hospital, e que era amigo íntimo da família. Por um trágico engano, este aplicou ácido fênico em lugar de ácido bórico nos olhos da menina, fazendo-a perder a visão numa das vistas e lesando gravemente a outra.

Um ano depois, faleceu a mãe de Sophia e, aos oitos anos, ela foi viver com seus tios. O pai foi complementar seus estudos na Alemanha, onde acabou falecendo. Mas deixara-lhe uma herança que receberia ao alcançar a maioridade, para que não passasse necessidade devido à cegueira.

Quando mocinha, foi com uma amiga a uma reunião SUD. Fia ficou profundamente impressionada, e mais tarde contou que a mensagem dos missionários lhe parecera estranhamente familiar, como se não a estivesse ouvindo pela primeira vez. Desejava ardentemente encontrá-los de novo, mas, naquela época, os missionários e conversos SUD eram muito mal vistos na Suécia. Quando o tio soube aonde ela fora, ficou muito zangado, proibindo-lhe qualquer novo contato. Ela obedeceu por uma semana, mas não conseguia esquecer as mensagens ouvidas. E voltou a freqüentar as reuniões, apesar da proibição do tio.

Fia era dona de uma linda voz, e certa noite pediram-lhe que cantasse acompanhando-se ao violão, numa festinha mórmon. Andrew Christofferson, missionário de Lehi, Utah, estava presente e ouviu-a cantar, sentindo-se profundamente tocado. Quando soube que ele estava para ser desobrigado da missão e pretendia passar pela Alemanha antes de seguir para casa, Fia pediu que visitasse sua irmã Mia, que se encontrava na Alemanha naquela época. Ele teve prazer em atender a seu pedido.

Fia continuou ouvindo as palestras missionárias e, quando completou dezoito anos, quis ser batizada. Como era o mês de novembro, os missionários foram obrigados a quebrar o gelo que cobria o Mar Báltico para batizá-la. O batismo foi realizado à noite, devido à oposição à Igreja naquela área. Quando o tio soube do que fizera, disse-lhe que, se não abandonasse sua religião, teria que sair da sua casa e seria deserdada. Tendo um forte testemunho, Fia recusou-se a desistir do que sabia ser a verdade. Embora tolhida por sua deficiência visual, abandonou a casa do tio e passou a manter-se sozinha, trabalhando como empacotadora de fósforos numa fábrica.

Andrew Christofferson que já retornara a Lehi, escreveu a Fia, pedindo-lhe que fosse para Utah. Ela gostaria de emigrar, mas não ganhava o suficiente para financiar a viagem; então Andrew passou a economizar até poder mandar-lhe o dinheiro para a passagem. Ela foi para a Inglaterra, onde tomou um navio para os Estados Unidos. Ao desembarcar em Boston, um dos funcionários da imigração percebeu que não enxergava bem e negou-lhe o visto de entrada, pois achava que sua deficiência a tornaria um fardo para o país. Pesarosa, ela voltou para a Inglaterra.

Quando Andrew soube do acontecido, resolveu que tentaria de novo. Mais uma vez pôs-se a trabalhar e economizar até poder mandar-lhe a passagem, instruindo-a a desembarcar em Nova York. Mais uma vez lhe recusaram o visto por causa de sua visão precária.

Na volta para a Inglaterra, Fia fez amizade com um grupo de missionários que estavam a caminho da Europa. Os missionários a levaram consigo para a casa da missão em Liverpool, Inglaterra, presidida pelo Élder Heber J. Grant, do Conselho dos Doze, e que ali vivia com sua esposa e filhas pequenas. A Irmã Grant encontrou Fia soluçando no saguão, onde os missionários aguardavam o presidente da Missão para serem entrevistados. Com a ajuda de um intérprete, a Irmã Grant soube das tentativas malogradas de Fia de ir para Sião. Inteirando-se também de que a jovem não tinha dinheiro nem lugar para ficar, compadeceu-se e ofereceu-lhe o emprego de empregada doméstica. Fia aceitou agradecida, embora não tivesse nenhuma experiência em trabalhos domésticos.

Conhecendo-a melhor, a Irmã Grant percebeu que Fia recebera uma educação esmerada e que tinha bastante talento musical. Apesar de nunca haver feito trabalhos caseiros, Fia sabia como deveriam ser e orgulhava-se de seu trabalho. Demonstrava tamanha boa vontade, que logo a família inteira passou a



Robert T. Barrett

Apoiada pela fé que a levou a batizar-se, Fia veio da Suécia através do oceano, estabelecendo-se em Utah, onde se casou. Apesar de deficiente, ela tornou-se conhecida por sua hospitalidade – alimentando, acolhendo seus convidados, e animando os deprimidos.



Robert T. Barrett

apreciá-la. Diziam que ela nunca respondia com mau humor, estando sempre a cantar e dar graças ao Pai Celeste pelas bênçãos recebidas. Além dos deveres domésticos, sua principal responsabilidade era cuidar das duas meninas menores, Emily e Frances. A irmã Grant acompanhava freqüentemente o marido em suas viagens pelo continente, supervisionando as numerosas áreas da Missão Européia, e ficava tranqüila sabendo que suas filhas ficavam aos cuidados de Fia.

Fia tinha muita fé nos benefícios de banhos frios, "à moda sueca". Não havendo um aquecedor de água no banheiro, quem quisesse tomar banho quente tinha de aquecer a água no andar inferior e carregá-la balde por balde escada acima, de modo que os tais "banhos suecos" eram bem mais práticos. Toda manhã Fia enchia a banheira com água fria, depois de amarrar um saquinho com sal grosso na torneira para que a água se assemelhasse à do mar. Então as meninas tinham que dar seu "mergulho no mar", apesar de seus protestos e resistência. Após o rápido banho, Fia as esfregava vigorosamente com uma grande toalha felpuda. Elas contaram mais tarde que detestavam o tal banho, mas gostavam tanto de Fia, que o suportavam só para agradar-lhe.

Enquanto isso, em Utah, Andrew Cristofferson não conseguia esquecer a encantadora jovem por quem se apaixonara. Continuou solteiro e economizando na esperança de algum dia poder trazê-la para Utah.

Ao terminar a missão do Presidente Grant, este decidiu tentar levar Fia para os Estados Unidos com a família. Reservou uma passagem para ela como babá das filhas, na esperança de que, como tinha condições de sustentá-la pelo resto da vida, não teria problemas com os funcionários da imigração. Quando o navio aportou em Nova York, os Grant quase esqueceram a emoção e alegria da volta ao lar, preocupados com Fia, se ela poderia ou não ficar com eles. Mas as coisas transcorreram muito melhor do que esperavam. Os funcionários da imigração não fizeram perguntas nem exames. Fia tinha conseguido!

A família Grant chegou à Cidade do Lago Salgado pouco antes do Natal de 1906. Fia foi muito bem recebida. O Élder Grant chegou mesmo a falar em adotá-la legalmente. Talvez por causa de sua idade, a adoção nunca chegou a concretizar-se, mas ela já não era considerada uma empregada; era amada e tratada como membro da família.

Assim que Andrew Christofferson soube que Fia estava vivendo na Cidade do Lago Salgado, visitou-a para fazer-lhe a corte. Meses mais tarde, pediu a mão de Fia em casamento ao Élder Grant. Sophia e Andrew casaram-se no Templo de Lago Salgado, a 14 de junho de 1907, tendo como oficiante da cerimônia o Élder Grant.

Andrew levou a noiva para viver em seu modesto chalé de Lehi. As condições de vida eram totalmente diversas daquelas a que estava acostumada. A adaptação não deve ter sido fácil, mas Fia nunca se arrependeu de abandonar sua vida folgada por amor ao evangelho, nem a vida comparativamente luxuosa na casa da família Grant para viver num pequeno sítio. Mostrava-se alegre e simpática, e tirava o máximo proveito do que tinha. Aprendeu uma porção de coisas novas como esposa de um lavrador, além de ajudar a cuidar de sua sogra.

Com o tempo, o lar deles foi abençoado com dois filhos e duas filhas: Grant, Reed, Mia e Ellen. O nome do primeiro filho foi uma homenagem a Heber J. Grant.

Como a claridade do sol a fazia sofrer, Fia raramente era vista em público, mas as pessoas se sentiam atraídas à casa dela. Era conhecida em toda parte por sua calorosa hospitalidade. Todos os que a visitavam sentiam seu amor. Eles eram bem recebidos e alimentados e, se fosse o caso, animados e encorajados.

O único pesar de Tia Fia era a falta de contato com sua família na Suécia. Ao que soubesse, era a única de toda a família que aceitara o evangelho. Nunca deixou de sentir uma forte responsabilidade para com seus parentes e antepassados. Fez o que estava ao seu alcance para reunir informações da história de sua família e providenciar as ordenanças do templo para eles.

Seu amado Andrew faleceu a 17 de junho de 1954. Tia Fia continuou vivendo sozinha até sofrer um derrame, poucos meses antes de sua morte. Passou então a viver na casa de sua dedicada filha Mia, que cuidou dela, até sua morte repentina, no dia 8 de maio de 1961, de ataque cardíaco, pouco antes de completar oitenta e dois anos.

Tia Fia deixou recordações que serão acalentadas por seus inúmeros amigos e parentes, e um legado que continuará abençoando muitas vidas, até que voltemos a gozar o privilégio de sua amizade na eternidade. □

Marilyn J. Whipple reside no Ramo Winters, Estaca Califórnia Davis.

4 PASSOS DE APRENDIZAGEM

Élder Russell M. Nelson
do Conselho dos Doze

1

Todos nós compreendemos a *importância* da educação. Talvez devêssemos considerar *como* podemos aprender. Gostaria de sugerir quatro passos que facilitam o processo de aprendizagem.

O primeiro é ter um *desejo* intenso de conhecer a verdade. Como professor de cirurgia durante muitos anos, pude observar as diferenças individuais frente ao aprendizado. Toda cirurgia é precedida de determinado tempo para esfregar as mãos com escova e sabão. Alguns estagiários ficavam calados ou passavam esse tempo conversando sobre trivialidades. Os realmente desejosos de aprender, aproveitavam o tempo para fazer perguntas. Tenho observado que os estudantes tomados do desejo de aprender sabem que não sabem e procuram aprender.

2

O segundo passo seria estudar com mente *inquiridora*. Torno a valer-me das escrituras. Certamente vos lembrais de que, ao preparar-se para cruzar o oceano, o irmão de Jared percebeu que não havia meios de iluminar os barcos. Por isso, perguntou ao Senhor: "Consentirás que cruzemos estas grandes águas na escuridão?"

A resposta do Senhor é muito interessante: "Que desejais que eu faça, a fim de que tenhais luz em vossos barcos? . . . Não podeis fazer janelas, porquanto seriam despedaçadas; nem levareis fogo convosco . . . sereis como uma baleia no meio do mar." (Éter 2:22–24.) O Senhor poderia perfeitamente ter-lhe dito o que fazer, mas deixou que o próprio irmão de Jared imaginasse um meio. Ele, pois, escolheu dezesseis pedras e pediu ao Senhor que as tocasse, fazendo-as iluminar os barcos durante a viagem.

O mesmo conceito foi igualmente ressaltado numa revelação moderna, quando o Senhor disse a seu servo: "Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir. Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo." (D&C 9:7–8.)

Muitas revelações contidas em Doutrina e Convênios foram concedidas só depois de os profetas fazerem perguntas ponderadas, específicas ao Senhor, após estudo concentrado de sua parte. Foi assim com relação à Palavra de Sabedoria e à revelação sobre o sacerdócio recebida pelo Presidente Spencer W. Kimball, em 1978. Semelhantemente, aprendereis melhor tendo um espírito inquiridor.

3

O terceiro passo é *aplicar* ou praticar o que aprendestes na vida cotidiana. Os que aprenderam outro idioma sabem como isso é importante. Mesmo com desejo intenso e muito estudo, só se adquire o domínio de um idioma aplicando-o constantemente.

O quarto passo extremamente

4 importante no processo de aprendizagem é *orar* em busca de ajuda. Como cirurgião, eu não hesitava em consultar o Senhor detalhadamente sobre qualquer cirurgia que estava para fazer. Eu incluía nas orações até mesmo qualquer nova técnica que pretendia usar. Muitas vezes, o simples processo de revisão mental enquanto orava, permitia-me ver um caminho melhor pela orientação divina.

Agora gostaria de fazer uma importante advertência: A aprendizagem, se mal empregada, pode destruir nossas metas. Consideremos algumas defesas capazes de vos proteger desse final indesejável.

A fé também precisa ser alimentada. Enriquecei a fé pelo estudo pessoal das escrituras e pelo contato com outros bons livros, arte e música. Alimentai os vossos dons do Espírito da mesma forma como alimentais diariamente vosso corpo físico.

Escolhei bons modelos como exemplo. Antes de apoiar todos os ensinamentos de um professor, perguntai-vos se a *fé* que ele possui é suficientemente forte para merecer que o sigais. Se não for, sede bastante discriminativos quanto ao que aprendeis dele. Lembrai-vos de que a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor são os padrões pelos quais deveis avaliar qualquer doutrina.

Evitai envenenar vossa fé pelo pecado, pornografia ou seguindo meramente a letra da lei, em lugar de abraçar seu espírito enobrecedor. Lembrai-vos: "A letra mata, e o espírito vivifica." (II Coríntios 3:6.)

Encontrareis muitos desafios no caminho. Ouvireis, por exemplo, alegações infundadas de que a Igreja é "anti-intelectual". Mas, *vós próprios sois* a maior prova de que isso não é verdade. Tendes sido incentivados a, individualmente, estudar e buscar conhecimento em qualquer fonte confiável. Na Igreja, nós abraçamos *toda* a verdade, seja ela proveniente de um laboratório científico ou da palavra revelada do Senhor. Aceitamos toda a *verdade* como sendo parte do evangelho. Uma verdade não contradiz a outra.

Em todas as gerações do tempo, alguns dos maiores "intelectuais" têm sido os de maior fé. Sócrates achava que a vida não pesquisada não vale ser vivida. Ele tinha uma fé inabalável em Deus, na liberdade e na imortalidade. Tão profunda era sua crença na doutrina da imortalidade da alma, que, embora pudesse ter prolongado sua vida terrena escolhendo o exílio, submeteu-se com total serenidade à sentença de morte do tribunal ateniense.

Dizia o grande químico francês Louis Pasteur (1822–1895):

"Os gregos nos legaram uma das mais belas palavras de nossa língua, a palavra entusiasmo, que significa 'Deus dentro'. Feliz aquele que tem Deus dentro de si.! (Vide René J. Dubos, *Louis Pasteur: Free Lance of Science*, Boston: Little, Brown and Company, 1950, p. 392.)

Vejamos o Conselho dos Doze. Sete deles têm diploma universitário, enquanto a outros foram conferidos graus honorários. Logicamente suas conquistas educacionais não os qualificaram para seu chamado espiritual. Entretanto, suas realizações intelectuais indicam seu interesse em apoiar o decreto divino de obter conhecimento.

Fortalecei-vos contra os ataques aos líderes da Igreja. Eles nunca pretenderam ser perfeitos; nem mesmo quase perfeitos. Na verdade, o Senhor os descreve como as "coisas fracas do mundo, (os) que são indoutos e são detestados". Mas, em seguida, emenda que eles "(açoitarão) as nações pelo poder do meu Espírito". (D&C 35:13.)

Sob o ataque brutal de seus críticos, dizia Joseph Smith: "Nunca vos declarei que sou perfeito; mas não há erros nas revelações que ensinei. Serei, pois, lançado fora como coisa sem valor?" (Ensinamentos, pp. 359–360.)

Ao vos edificardes com instrução para as eternidades, examinai as escrituras. Aplicai-as à vossa vida. Aprendei a lei que rege vossa atividade pessoal. Usai as obras-padrão como padrões literais de excelência eterna, pelos quais medis cada um de vossos pensamentos e atos. □

Antes de seu chamado como membro do Conselho dos Doze, em abril de 1984, o Élder Russell M. Nelson era um cirurgião cardiologista e pesquisador médico reconhecido internacionalmente. Serviu como presidente geral da Escola Dominical, presidente de estaca e representante regional. O presente artigo é baseado em discurso proferido num serão da Universidade Brigham Young.

Na Igreja, seguimos toda a verdade, quer venha da mente de intelectuais como Sócrates, dos laboratórios de cientistas como Louis Pasteur, ou da palavra revelada de Deus através de seu profeta.

Don Weller

Don Weller

Joe J. Christensen Presidente da Universidade Ricks

O QUE É PRECISO PARA SER FELIZ E BEM SUCEDIDO

No decorrer dos anos, em virtude de várias designações, minha esposa e eu tivemos oportunidade de travar conhecimento com dezenas de milhares de rapazes e moças. E jamais conhecemos alguém que não quisesse ser feliz e bem sucedido.

O Profeta Joseph Smith disse: "A felicidade é o objetivo e o propósito de nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 249.) Dizem as escrituras, de fato, que é esse o motivo de nossa existência: "Adão caiu para que os homens existissem; e os homens existem para que tenham alegria." (2 Néfi 2:25.)



Jed Clark

Alegria é a essência do Evangelho de Jesus Cristo. Nosso Pai Celestial quer que todos nós, sem exceção, sejamos felizes e bem sucedidos.

Infelizmente, algumas pessoas não são felizes. As coisas não andam bem para elas, seja na esfera social, física, acadêmica ou espiritual. O que é preciso para serem felizes e bem sucedidas? O que devem fazer para inverter a situação? Eu gostaria de apresentar algumas sugestões.

1 Em primeiro lugar, *se quiserdes ser felizes e bem sucedidos, é preciso determinar que o trabalho árduo é parte da resposta.* Não conheci muitas pessoas felizes e bem sucedidas que fossem preguiçosas. As escrituras nos dizem: "Cessai de ser ociosos; . . . cessai de dormir mais do que o necessário; recolhei-vos cedo aos vossos aposentos, para que vos não canseis; levantai-vos cedo, para que vossos corpos e vossas mentes sejam vigorados." (D&C 88:124.) Em outras palavras, não se obtém sucesso sendo preguiçosos e ficando o dia inteiro na cama.

2 Depois, *para serdes felizes e bem sucedidos, é preciso aprender a ter paciência e saber enfrentar desafios.* Todos nós encontramos na vida obstáculos que aparentemente se interpõem entre nós e a felicidade e o sucesso. Alguns podem-se achar altos ou baixos demais, sem a necessária coordenação, muito ignorantes, a aparência não lhes agrada, têm problemas de peso, sem dinheiro suficiente para fazer o que gostariam, sem muita oportunidade de vida social ou pensam estar apaixonados por alguém que não lhes dá atenção.

Alguns desses aspectos podem ser analisados e, com trabalho árduo, paciência e persistência, modificar-se. Há certas coisas porém, que não se podem mudar. Seja como for, se atacarem os problemas que enfrentam, se aprenderem a encarar positivamente os obstáculos da vida, poderão tornar-se felizes e bem sucedidos, apesar dos desafios.

Brad Hall é um bom exemplo disso. Foi um excelente missionário, feliz e bem sucedido. Certa noite, ele e o companheiro ouviram barulho em seu apartamento; foram investigar e encontraram um ladrão armado, que acabou atirando e acertando élder Hall. Num piscar de olhos, o tiro transformou-o num paraplégico – paralítico da cintura para baixo e, desde aí, confinado a uma cadeira de rodas. Ele voltou para casa e retomou os estudos universitários. Foi obrigado a adaptar-se penosamente à vida estudantil e a locomover-se numa cadeira de rodas, na neve, naquele inverno.

Na primavera, quando foram concedidos os prêmios por excelência nos estudos, élder Hall era um dos agraciados. Ele provou que é possível vencer muitas dificuldades e aprender a conviver com as insolúveis.

3 *Se quiserdes ser felizes e bem sucedidos, mantereis estrita castidade.* Em termos de desenvolvimento físico, encontrai-vos numa fase da vida em que a atração exercida pelo sexo oposto, é muito forte. É preciso aprender a dominar esses poderosos sentimentos e atrações. Falando francamente este será um dos maiores desafios de vosssa vida adulta. Há algumas pessoas que parecem conseguir certo grau de sucesso mundanos e que são flagrantemente imorais, no final, mas, não conseguem alcançar a felicidade e alegria genuínas.

Uma colunista de renome nacional, que dá conselhos a leitores a respeito de vários problemas, comentou: "Queridas Amigas, jamais recebi uma carta de uma jovem sequer dizendo-se arrependida por haver-se conservado pura para o casamento, mas tenho recebido centenas daquelas que não o fizeram e o lamentam profundamente."

Para ter felicidade e sucesso, é preciso levar nem uma vida virtuosa e casta. Não se deve acreditar, por um momento que seja, que exista algo como sexo "inofensivo" fora do casamento. As relações sexuais ilícitas são perigosas física, emocional e espiritualmente. Elas podem facilmente destruir-vos.



4 Outro elemento que leva à felicidade e ao sucesso é *descobrir cedo na vida que as coisas de maior valor não se compram com dinheiro*. Elas não têm preço. Como ilustração, gostaria de contar o caso de um élder austríaco que conheci no Centro de Treinamento Missionário de Provo, em Utah.

Reparei que ele era um pouco mais velho que a maioria. Ele e a mãe haviam-se filiado à Igreja, quando tinha dezesseis anos. O pai,



Jed Clark

um prestigioso banqueiro, não se interessava por religião, mas não se opunha a que a esposa e filho freqüentassem a Igreja.

Os problemas do élder começaram, entretanto, quando estudava as lições do seminário. Assim que o via com as escrituras e material sobre a mesa, o pai entrava e dizia mais ou menos isso: "Não perca tempo com essas coisas. Volte a estudar as matérias da escola para que consiga ingressar na universidade." Às vezes, ficava tão irritado que pegava as escrituras ou papéis de seu filho e os atirava longe.

Aos dezoito anos, esse jovem começou a pensar mais seriamente em cumprir uma missão. Chegou mesmo a sonhar, certa noite, que fora chamado a cumprir missão no Japão. Foi uma sensação cálida e gostosa; mas, quando conversou com os pais a respeito, o pai declarou: "Nada feito. Você *não* vai desperdiçar dois anos de vida no campo missionário. Irá para a universidade." O pai queria que se tornasse banqueiro como ele.

Compreendo que, àquela altura, seria melhor atender aos desejos do pai, resolveu ingressar na universidade. Não sei se o pai ficou plenamente satisfeito, pois o moço decidiu vir para os Estados Unidos e cursar a Universidade Brigham Young. Diplomou-se bacharel em administração, depois fez mestrado em administração de empresas. Em seguida, foi contratado como executivo júnior por uma empresa bancária internacional de Munique, Alemanha.

A esta altura, estava com vinte e cinco anos, obviamente com idade suficiente para tomar decisões próprias. Ele continuava com um forte desejo de cumprir missão. Procurou o presidente da estaca, informando-o de seu intento. Até lhe contou seu sonho. O presidente da estaca riu, e disse: "Bem, não acho que será chamado para o Japão. Ninguém daqui é mandado para lá. São chamados para outros países da Europa, mas não para o Japão.



O pai ficou muito indignado, quando soube que seu filho estava pensando em deixar seu cargo no banco por dois anos. Viajou de Viena até lá e fez tudo o que pôde para demover o filho de sua intenção. Seu chefe viajou de avião de Frankfurt, Alemanha, e passou muito tempo com ele, procurando convencê-lo a não deixar o emprego durante dois anos.

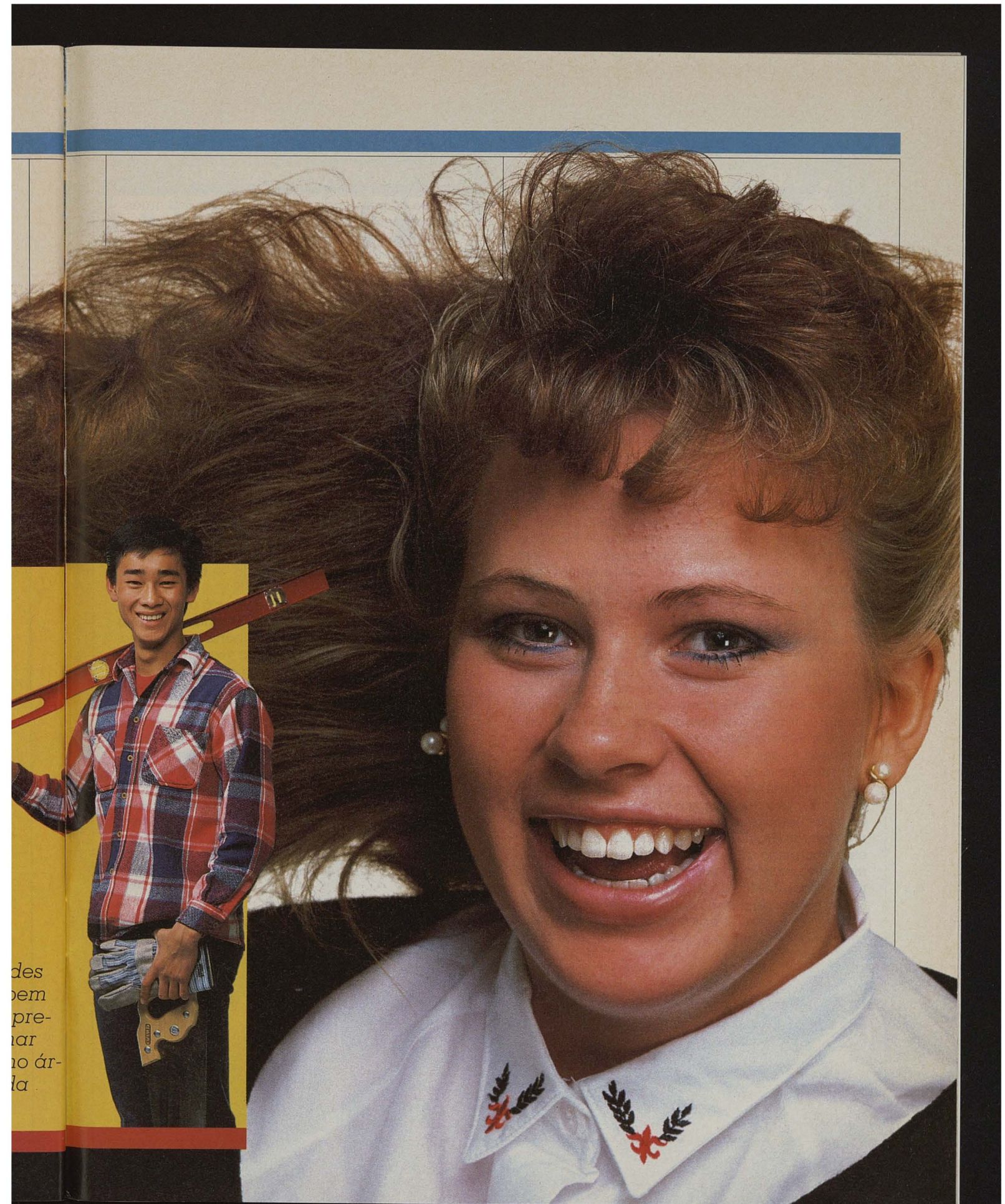
"Meu jovem", argumentou, "sabe o que isto lhe custará em termos de perdas salariais bem como de perda de oportunidades? Sente-se e calcule o quanto lhe custarão esses dois anos." O jovem élder obedeceu e verificou que a missão lhe custaria uma grande soma em dinheiro.

Seus olhos porém, ficaram marejados de lágrimas, quando me disse: "Ainda que me custasse muito mais, eu estaria aqui, porque sei que é onde o Senhor quer que eu esteja."

Pois bem, ele *foi*



Se quiserdes ser felizes e bem sucedidos, é preciso determinar que o trabalho árduo é parte da resposta.



realmente chamado para o Japão. Cumpriu uma missão bem sucedida, e suponho que existem muitas empresas bancárias internacionais que, de bom grado, contratariam um capacitado executivo júnior versado em alemão, inglês e japonês — os três idiomas mais importantes do mundo econômico livre. Mesmo que não ganhasse qualquer dinheiro extra em virtude dessa experiência adicional, ainda assim teria valido a pena. Se quiserdes ser felizes e bem sucedidos, tereis de dar-vos conta de que existem certos valores na vida que não se compram com dinheiro.

5 Finalmente, *para alcançar felicidade e sucesso, vossa vida deve ser consistente com vossos ideais e padrões, mesmo quando estiverdes sozinhos*. A verdadeira prova de vosso comprometimento é medida, em grande parte, pelo que sois quando estais a sós.

Ao cumprir minha primeira missão no México e na América Central, meu companheiro e eu recebemos de nosso presidente de missão uma designação final muito interessante. Mandou que deixássemos a casa da missão e fôssemos para uma cidade no sul do México, da qual, meses antes, os missionários tiveram de ser retirados, devido à perseguição política e religiosa. A vida deles fora ameaçada por inimigos. Foram realizados alguns batismos, mas uma organização real da Igreja não chegara a ser estabelecida. Com isso, esses novos membros ficaram virtualmente abandonados, e o presidente da missão não tinha quase notícias deles havia meses.

O presidente da missão deu-nos uma lista de nomes e a incumbência de localizar essas pessoas, verificar como estavam passando e, se possível, arranjar um local para realizar uma discreta reunião sacramental. Durante todos aqueles meses, esses membros não haviam tido o privilégio a que muitas vezes não damos o devido valor, de participar semanalmente do sacramento.

Chegamos de manhã cedo e, imediatamente, saímos em busca da primeira pessoa da lista. Encontramos o endereço e, passamos por uma porta num alto muro de argila, que circundava um agrupamento de pequenas cabanas encostadas umas nas outras em torno de um pátio central.

Parecia que todos estavam nos observando. Lá no canto dos fundos, havia uma pequena cabana coberta de sapé. A irmã que procurávamos chegou à porta, viu-nos e logo percebeu pela roupa que éramos missionários. Com lágrimas nos olhos, correu ao nosso encontro e nos abraçou. Depois de nos apresentarmos, dissemos porque estávamos ali.

Após essa breve saudação, ela voltou à cabana e saiu de novo, trazendo um jarro do qual tirou algum dinheiro que vinha guardando havía meses. Apesar de estar só, sem qualquer organização da Igreja, guardara o dízimo com fé e esperança de que um dia ele seria levado ao local adequado.

Ela, obviamente, passava por muitas necessidades, mas ainda assim nos entregou o dinheiro. Meu primeiro impulso foi recusá-lo e incentivá-la a gastar o dinheiro como precisasse. Depois percebi que eu não tinha o direito de agir assim, pois ela estava cumprindo um mandamento. Obtivera o testemunho de que o dízimo é um mandamento divino e estava disposta a cumpri-lo — ainda que estivesse sozinha.

Precisamos ter a coragem de viver à altura de nossos padrões, particularmente quando ninguém nos está vigiando. Então, não importa onde estejamos, longe de casa pela primeira vez, na universidade, num ambiente social repleto de toda sorte de tentações, ou em outro lugar qualquer — podemos defender o que sabemos ser verdadeiro e viver consistentemente com nossos ideais.

O Profeta Joseph Smith vivia num mundo intolerante, cheio de noções equivocadas a respeito de Deus e do homem. No entanto, longe de tudo isto, como um raio luminoso, ele ensinou: "A felicidade é o objetivo e o propósito da nossa existência; e também será o fim, *caso* sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a *virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus.*" (*Ensinamentos*, p. 249; grifo nosso.)

(Adaptado de um discurso proferido numa reunião devocional da Universidade Ricks.)

MENSAGEM MÓRMON

NÃO IMPORTA COMO TENHA SIDO O SEU PASSADO, O SEU

FUTURO ESTÁ IMACULADO



Citação do Elder Hugo E. Martinez

PREPARA

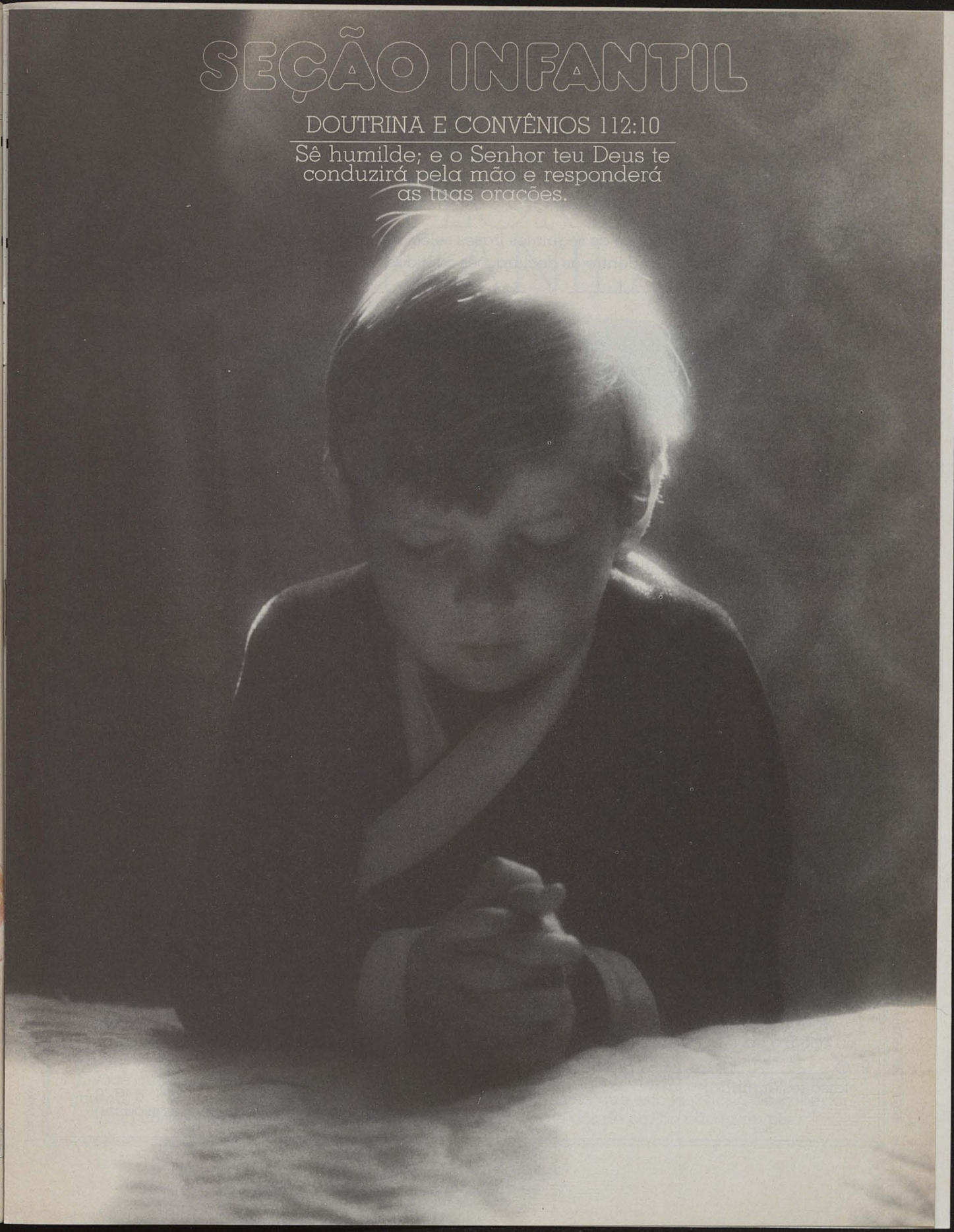


Lori Anderson

SEÇÃO INFANTIL

DOUTRINA E CONVÊNIOS 112:10

Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e responderá as tuas orações.

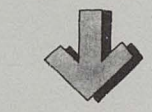


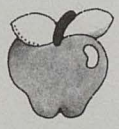
VOCÊ CONHECE SUAS "LEIS"?

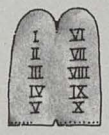
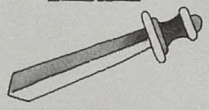
Complete as seguintes frases selecionando as respostas corretas dentre as declarações contidas nas letras abaixo.

Teste

1. Um mandamento e lei para a boa saúde é a _____.
2. Caim desobedeceu a lei que diz _____.
3. Não roubar significa guardar um dos _____.
4. Uma bola atirada no ar cai no chão devido à _____.
5. "Não terás _____ diante de mim."
6. O fato de uma pena pesar menos que o aço é uma _____.
7. Os santos dos últimos dias têm o mandamento de obedecer as _____ em que vivem.
8. Um privilégio e uma bênção para qualquer um que desobedeça as leis de nosso Pai Celestial é o _____.
9. O _____ nos proíbe de prestar falso testemunho.







a. lei da gravidade

b. outros deuses

c. Palavra de Sabedoria

d. Leis do país

e. dom do arrepentimento

f. Dez Mandamentos

g. "Não matarás"

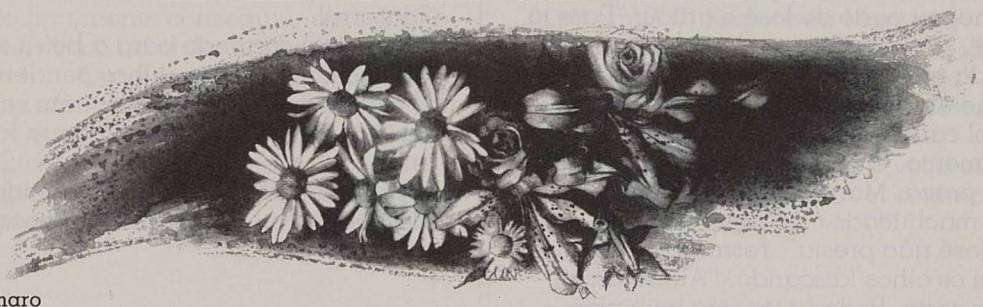
h. nono mandamento

i. lei natural

(respostas: 1. c; 2. g; 3. f; 4. a; 5. b; 6. i; 7. d; 8. e; 9. h)

Julie Young

O VENDEDOR DE FLORES DE MANILA



Julie Young

Agnes M. Pharo

Geralmente Manuel gostava do dia de feira em Manila. Adorava a barulheira alegre que se ouvia por toda a praça. E admirava o sol brilhante iluminando os cestos de flores, as bijuterias feitas de conchas e as bonitas praias em volta da Baía de Manila. Mas hoje ele não estava nada contente.

"Nossa vizinha, *Aling* (sra.) Sion, está doente e preciso cuidar dela", dissera-lhe a avó. "Necessitamos de dinheiro para comprar alimento e por isso precisamos vender as flores. Só tenho você, Manuel, para levá-las para a feira."

Manuel saiu de casa cedo, tão cedo que o sol ainda não havia nascido. Passou pelo pequeno lago meio escondido pelas árvores e, quando chegou à estradinha de terra que levava a Manila, encontrou muitas pessoas carregando enormes cestos cheios de flores.

Enquanto andava, Manuel ia pensando: "Espero que o José não me veja." José era um menino grandalhão da aldeia de Manuel e que ultimamente vinha implicando com ele. Sacudindo a cabeça como querendo livrar-se desse pensamento ruim, Manuel foi diretamente para o lugar que a avó costumava ocupar, bem ao lado de *Aling* Finay.

Aling Finay examinou-o com curiosidade. "É você quem vai vender as flores hoje?" perguntou.

"Vovó não pôde vir", explicou educadamente.

"Você precisa ajeitar as flores direitinho", aconselhou *Aling* Finay.

"É, exatamente como vovó faz", concordou Manuel.

E se pôs a arrumar as margaridas-do-campo rosadas e amarelas, as lindas rosas vermelhas e os enormes lírios brancos. Depois se afastou um pouco para admirar sua obra. Não ficara tão bonito quanto ele esperara, mas não sabia como melhorar as coisas. Tinha certeza de que *Aling* Finay o ajudaria, se não estivesse tão ocupada com seus fregueses. Assim, só restava a Manuel ficar sentado, esperando que alguém quisesse comprar suas flores.

Quando os primeiros raios do sol espiaram por cima das choupanas cobertas com folhas de palmeira da aldeia, Manuel ouviu o barulho de cascos de cavalo no calçamento de pedras arredondadas. Eram os homens e rapazes chegando com sua carga de cocos, bananas e lenha. José deve estar com eles! Manuel retirou-se para um canto, desejando poder esconder-se e esquecer todo aquele negócio de vender flores.

"Veja!" exclamou de repente *Aling* Finay. "Lá vem chegando o José. É dor de cabeça na certa para alguém."

O coração de Manuel disparou. Pela risada do José, sabia que este já o tinha descoberto. Manuel se pôs de pé. Só não fugiu por

lembrar-se da decepção da avó, se o visse chegar de mãos vazias.

José parou bem na frente dele. "Ora, ora!", exclamou, agarrando um maço de margaridas-do-campo que desfolhou e depois jogou no chão. "Vejam só, o Manuel vendendo mato!"

Manuel ficou louco de raiva, lembrando-se de quanto a avó trabalhara para que as flores ficassem bonitas e viçosas. Esquecendo-se do medo, chegou perto de José e gritou: "Pare já com isso!"

"Saia da minha frente", mandou José, dando-lhe um empurrão.

Manuel caiu, batendo a cabeça nas pedras do calçamento. Ouviu José rindo alto ao atravessar a praça. Manuel se pôs de pé, esfregando o machucado.

"Esse José não presta", resmungou *Aling* Finay, com os olhos faiscando. "Ainda assim você teve sorte. Poderia ter sido bem pior."

"Tem razão. Espero que ele não volte", respondeu Manuel, olhando tristemente sua camisa rasgada.

O dia foi passando. Finalmente o sol desapareceu abaixo do horizonte. Manuel estava contente. Conseguira vender todas as flores, e tinha muitas moedas tilintando no bolso.

Vovó vai ficar contente, pensou. *Mas agora preciso andar depressa para chegar em casa antes de ficar escuro*. De repente, Manuel se arrepiou todo. *Imagine se o José estiver escondido nalguma moita à beira da estrada!*

Apesar de suas suspeitas, Manuel se pôs a seguir o caminho poeirento que levava à sua aldeia. A brisa era fresquinha depois do calor do dia, e ele a sentia penetrar pelo rasgão da camisa.

Manuel estava passando pelo pequeno lago do bosque, quando ouviu um grito. Parou e ficou escutando. "Quem sabe foi só o vento", pensou. "Ou um passarinho piando."

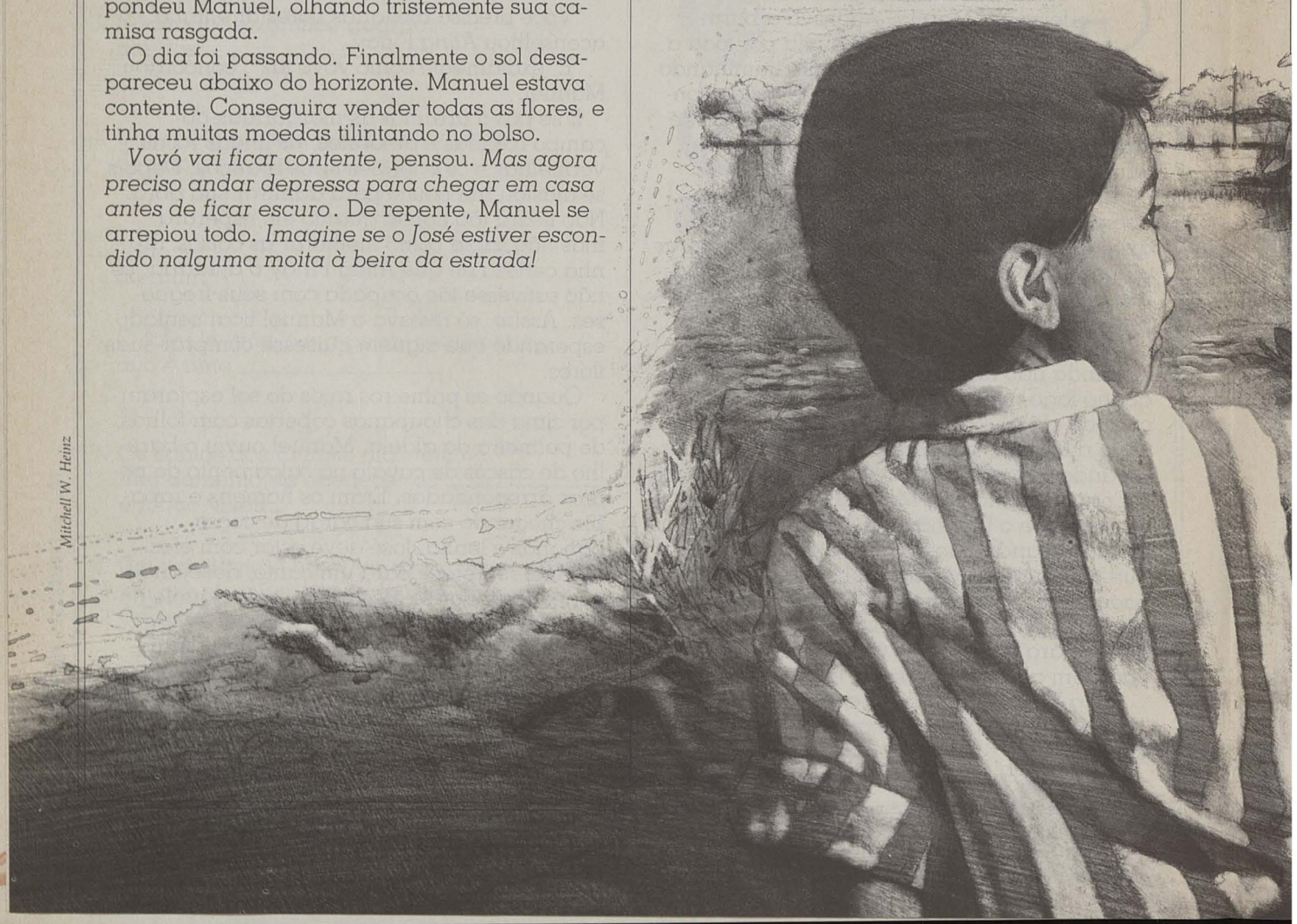
Então ouviu de novo.

"Socorro!"

Manuel foi correndo para a beira da água, espiando por entre os galhos pendentes. A vários metros da ribanceira, alguém se agarrava a um tronco, espadanando a água loucamente.

"José!" exclamou Manuel assustado.

Hesitou um momento. Mas, apesar das mal-



Mitchell W. Heinz

dades que José lhe fizera, Manuel sabia que devia procurar salvá-lo.

Enquanto se livrava da camisa e calças, gritou: "Agüente aí, José. Já estou indo."

Não foi fácil ajudar o menino grandalhão. José era forte e agora se debatia em pânico. Em certo momento, quase chegou a fazer Manuel afundar.

Empregando toda sua força, Manuel se foi aproximando lentamente da margem.

Quando finalmente conseguiu, ele e José ficaram estendidos no chão, cansados e tremendo de frio. Quando José recuperou o fôlego, murmurou: "Muito obrigado, Manuel."

"Por que você estava nadando, José?" perguntou Manuel. "Já é quase noite."

"Meus pés estavam doendo. Eu pretendia só ficar chapinhando um pouco na água, mas caí num buraco fundo", explicou José, passando os dedos pelo cabelo molhado. Depois, acrescentou meio sem jeito: "Eu não sei nadar. Ainda bem que você sabe."

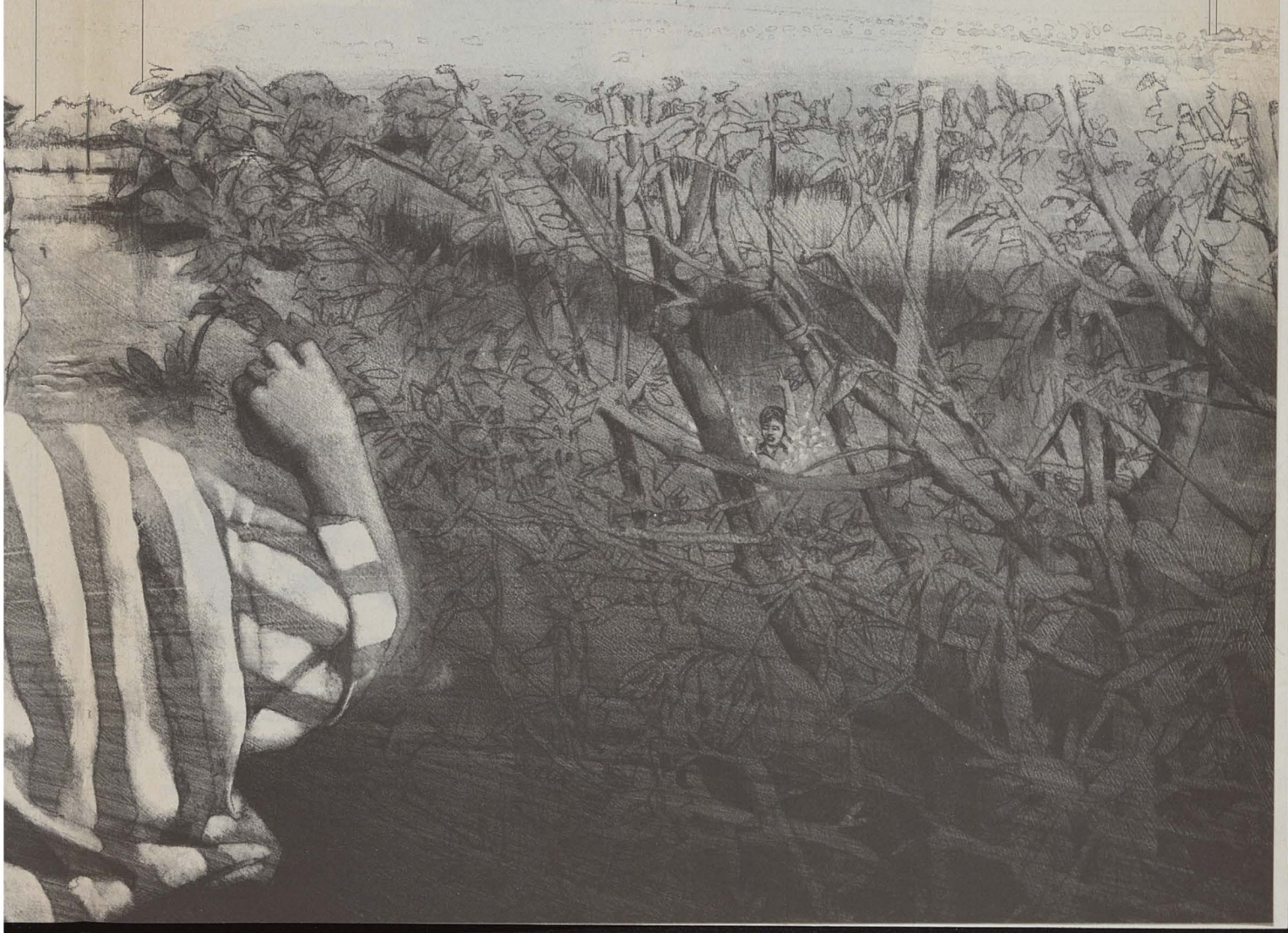
"E que apareci no momento certo", concordou Manuel.

José abaixou a cabeça. "Andei fazendo muita coisa errada. Uma porção de gente teria deixado que me afogasse."

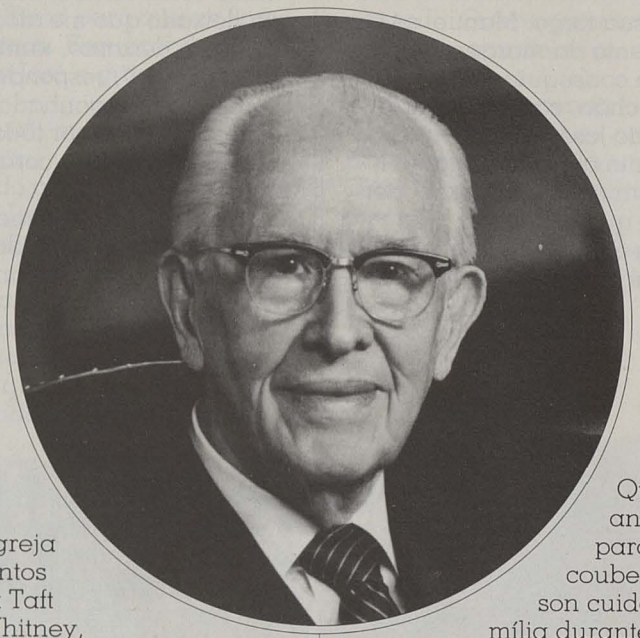
"Se eu deixasse, também estaria fazendo a coisa errada", respondeu Manuel.

"Estou envergonhado de ter sido tão mau. Peço desculpas por tê-lo derrubado" continuou José. "Você é corajoso. Eu gostaria de ser seu amigo."

Manuel sorriu e começou a vestir-se. "Então venha, amigo", convidou. "Já estamos perto de casa. Podemos ir juntos." □



PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON



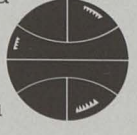
Joanne F. Christensen

O décimo terceiro presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Ezra Taft Benson, nasceu em Whitney, Idaho, há noventa anos. Quando menino, aprendeu a tocar piano e costumava cantar solos tanto na escola como em programas da comunidade, mas – diz ele – do "que mais gostava era de seu trombone"!





O jovem Ezra adorava montar a cavalo e, enquanto cursava o segundo grau, percorria todos os dias a cavalo os cinco quilômetros até a escola. Gostava igualmente de nadar, acampar com a família e de jogar beisebol e basquete. Foi um dos melhores jogadores tanto no segundo grau como da equipe de basquete da Universidade Estadual de Utah.

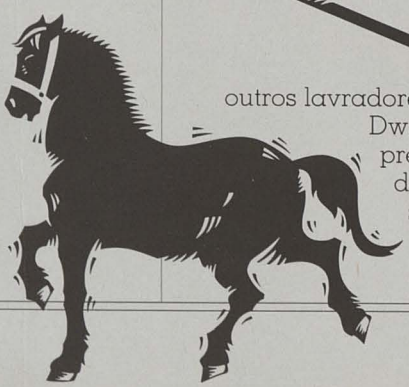


Quando tinha treze anos, o pai foi chamado para uma missão, e coube ao Presidente Benson cuidar da fazenda da família durante os dois anos em que o pai esteve ausente. Sendo o filho mais velho, "T" (como era chamado), tinha apenas seis irmãos e irmãs quando o pai partiu, mas quatro meses mais tarde nasceu outro bebê, e finalmente chegaram a onze.



Sempre gostou da agricultura e ajudava outros lavradores no que pudesse. Quando Dwight D. Eisenhower foi eleito presidente dos Estados Unidos, convidou Ezra Taft Benson para ser seu secretário da Agricultura. O Presidente Benson serviu nesse



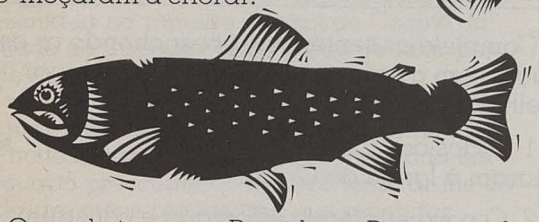


Scott Greer

importante cargo ministerial durante oito anos.

Numa visita à União Soviética como secretário da Agricultura, ele teve permissão de visitar uma das raras igrejas em que os cristãos podiam reunir-se, na época. Convidaram-no a falar do púlpito e, quando prestou testemunho de Jesus Cristo, suas palavras foram traduzidas para o russo. As pessoas presentes sentiram-se tocadas pelo Espírito e co-meçaram a chorar.





Quando jovem, o Presidente Benson mal conseguia esperar a época de tornar-se missionário de tempo integral. Cumpriu sua missão na Inglaterra; mais tarde, foi chamado para presidir a Missão Européia. Pouco depois de voltar da primeira missão, ele conheceu e desposou Flora Amussen. O casal tem seis filhos, trinta e quatro netos e quase quarenta bisnetos.



Participante ativo do programa de Escotismo, Ezra Taft Benson foi agraciado com os mais elevados títulos por serviços prestados aos Escoteiros da América.

Após servir duas vezes como presidente de estaca, foi chamado em 1943 pelo Presidente Heber J. Grant para o Quorum dos Doze Apóstolos. Em 1985, Ezra Taft Benson tornou-se o Presidente da Igreja. Ele recomenda sempre a todos com insistência, que leiam e estudem o Livro de Mórmon.

Depois de ter lido o presente artigo a respeito do Presidente Benson, veja a quantas perguntas sobre sua vida consegue responder. (Todas as respostas constam do artigo.)



1. Ele nasceu em _____, Idaho.

2. Serviu como secretário da _____ dos Estados Unidos.

3. Ele é o _____ Presidente da Igreja.

4. O primeiro nome de sua esposa é _____

5. Ele recomenda a todos que leiam o Livro de _____

6. Ele e a esposa têm _____ filhos.

7. Quando jovem, cumpriu missão na _____.

8. Quando era secretário da Agricultura, prestou testemunho numa igreja na _____.



9. Destacou-se nas equipes de _____, tanto no segundo grau como na faculdade.



10. Recebeu os maiores títulos conferidos pelos _____ da América.

11. Foi chamado para o Quorum dos Doze pelo Presidente Heber J. _____.

12. Quando jovem, preferia tocar seu _____ (instrumento musical).

13. Ia para a escola a _____.

14. Quando adulto, foi chamado a presidir a Missão _____.

15. Era o mais velho de _____ irmãos.

Scott Greer

Becky Morgan e Sally Hanna

SÓ PARA DIVERTIR



John Scott

Depois de Jesus partir da América, os líderes da Igreja converteram todas as pessoas à Igreja de Cristo. Durante duzentos anos, todos viveram em paz. (Veja 4 Néfi.) Faça um círculo em torno das palavras relacionadas com paz e felicidade.

Curar	Justiça	Igreja de Cristo
Oração	Guerra	Gritar
Mentir	Jejum	Alegria
Brigar	Bênçãos	Raiva
Espadas	Compartilhar	Orgulho



DESENHAR

Numa folha de papel à parte, desenhe alguma coisa que lhe dê a sensação de paz, como, por exemplo, um arco-íris, uma flor, árvore, bicho de estimação, amigo, igreja, as escrituras ou outra coisa qualquer.



Robert A. McKay

LIVRO DE 4 NÉFI

Complete as sentenças, preenchendo os espaços com a palavra da lista que combinar melhor. (Ver 4 Néfi.)

1. Todos os _____ se filiaram à Igreja de Cristo.

2. O povo era muito esforçado e construiu muitas novas _____ .

3. Não havia _____ entre o povo.

4. Os líderes da Igreja _____ os doentes e faziam reviver os _____ .

5. Muitos anos se passaram e o povo era _____ .

6. As pessoas _____ e tinham muitos filhos.

7. Quando se tornaram ricas, as pessoas deixaram de _____ .

8. _____ escreveu nas placas de ouro e depois as escondeu.

9. Trezentos anos depois de Jesus aparecer na América, muitas pessoas voltaram à _____ .

10. As pessoas foram felizes enquanto obedeceram aos _____ de Deus.

Amaron	Mandamentos	Lamanitas
Casavam	Cidades	Iniqüidade
Mortos	Compartilhar	Pobres
Nefitas	Feliz	Curavam

Respostas de Só para Divertir (Livro de Mórmon):
Paz na América: curar, oração, compartilhar, alegria, jejum, Igreja de Cristo, bênçãos, justiça. Livro de 4 Néfi: (1) nefitas, lamanitas; (2) cidades; (3) pobres; (4) curavam, mortos; (5) feliz; (6) casavam; (7) compartilhar; (8) Amaron; (9) iniqüidade; (10) mandamentos.

I-VOS

Marcia Winterton

Quando fui chamada a presidir minha classe das Abelhinhas, fiquei apavorada com a responsabilidade de representá-la na reunião mensal do Comitê da Juventude do Bispado. Tinha medo de falar para aquele grupo. Achava que não saberia o que dizer ou fazer, e assustava-me o fato de ser a mais jovem de todas, mas não havia como fugir.

Na noite antes da reunião, fiquei sentada em meu quarto preocupando-me, até lembrar-me do que diziam meus professores: nas escrituras encontra-se a resposta para qualquer problema. Apanhei as escrituras, mas não tinha idéia de onde procurar; então fui ver no índice o verbete "temor". Ali encontrei o versículo que foi meu salva-vida – era a última parte de Doutrina e Convênios 38:30: " . . . se estiverdes preparados não temereis."

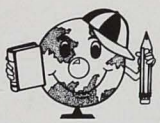
Nenhuma outra escritura teve tamanho impacto sobre mim como esta. Perguntei a mim mesma: "Estou eu preparada?" Sim, estava. Sabia os assuntos que seriam abordados e também que minha consultora estaria lá para me ajudar. Sabia que o Senhor estaria comigo e que não precisava temer, pois achava-me preparada.

Esse princípio tem sido muito importante para mim desde aí. Agora sei que não preciso preocupar-me com as provas, se tiver estudado para elas. Que não preciso preocupar-me com o recital de música, se souber tocar o meu número. Que não preciso preocupar-me com meu discurso na reunião sacramental, se o tiver preparado devidamente. Essa escritura me livrou de tantas preocupações na vida! Agora sei, também, que, se eu me preparar nesta vida para a segunda vinda do Salvador, não tenho nada a temer. Pelo contrário, posso aguardá-la com alegria e a paz interior nascida da certeza de que estou preparada. □

Robert A. McKay

COMPARTILHAR COM A JUVENTUDE

MENSAGENS SOBRE EDUCAÇÃO



Homem algum é realmente instruído, a menos que saiba de onde veio, por que está aqui e para onde espera ir na vida vindoura." Presidente Ezra Taft Benson.

"Toda pessoa deveria saber ler, escrever e fazer cálculos aritméticos elementares. E estudar regularmente as escrituras e outros bons livros." *Welfare Services Resource Handbook.*

"Agora é a época certa para treinar a mente e as mãos para a obra que desejais fazer. A educação pode ser o mais sábio e rendoso investimento que fareis em toda a vida." Presidente Gordon B. Hinckley.

" . . . nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé." (D&C 88:118.)

"Busquemos primeiramente as verdades de Deus, e depois vivamos segundo elas. A seguir, busquemos as verdades desta terra." Presidente Spencer W. Kimball.

" . . . estudarás, e aprenderás, e te familiarizarás com todos os bons livros com linguagens, línguas e povos." (D&C 90:15.)

"Há aprendizagem espiritual exatamente como há aprendizagem material; e uma sem a outra não é completa." Presidente J. Reuben Clark Jr.

"Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição. E, se uma pessoa por sua diligência e obediência adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro." D&C 130:18–19.) □

Brooke Anderson



As páginas do manuscrito das seções de Doutrina e Convênios, a mesa de cabeceira, o castiçal de bronze e a cadeira de balanço pertenceram a Joseph Smith e fazem parte da exposição "Os Presidentes da Igreja", do Museu de História de Arte da Igreja, na Cidade de Lago Salgado, Utah.